



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária

GESTÃO DE AGRONEGÓCIOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**OS ATORES-CHAVES E O PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO: uma análise do setor de
hortifrútiis no Núcleo Rural Alexandre de
Gusmão/DF.**

Carolina da Silva Carvalho

Brasília/DF
Julho/2016

OS ATORES-CHAVES E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO: uma análise do setor de hortifrútis no Núcleo Rural Alexandre de Gusmão/DF.

Carolina da Silva Carvalho

Monografia apresentada ao curso de Gestão de Agronegócios, da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharelado em Gestor de Agronegócios.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Pereira de Andrade

**Brasília/DF
Julho/2016**

CIP – Catalogação Internacional da Publicação*

Carvalho, Carolina da Silva.

Os atores-chaves e o processo de desenvolvimento: uma análise do setor de hortifrútiis do Núcleo Rural Alexandre de Gusmão/DF / Carolina da Silva Carvalho. Brasília: UnB, 2016. 67 p.: il. ; 29,5 cm.

Monografia (Bacharelado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Brasília, 2016.

Orientação: Manoel Pereira de Andrade.

1. Desenvolvimento Regional. 2. Perspectiva orientada para atores.
3. Hortifruticultura. I. Andrade, Manoel Pereira. II. Título.

CDU Classificação

**OS ATORES-CHAVES E O PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO: uma análise do setor de hortifrútiis no
Núcleo Rural Alexandre de Gusmão/DF.**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de
Conclusão do Curso da aluna Carolina da Silva Carvalho.

Prof. Dr. Manoel Pereira de Andrade
Universidade de Brasília / FAV /UnB
(Orientador)

Profa. Dra. Maria Júlia Pantoja de Brito
Universidade de Brasília / FAV /UnB
(Examinadora)

Prof. Msc. Tatiana Monteiro Reis
Universidade de Brasília / FAV /UnB
(Examinadora)

*À minha mãe Luzilene Carvalho (in memoriam),
que para ensinar nunca precisou estudar, meu
eterno reconhecimento.*

AGRADECIMENTOS

À Deus pela vida, pelo amor e cuidado e por me proporcionar forças para prosseguir.

À minha mãe Luzilene (in memoriam), pela educação e por ser meu exemplo, a levarei pra sempre em meu coração...

Ao meu pai Antonio, por todo amor que me tens, seus conselhos seguirei por toda minha vida.

Ao meu querido e amado esposo Manoel Soares, pelo amor, carinho e compreensão. Obrigada pela paciência e por todo apoio... Amo-te meu amor.

Ao professor Manoel Pereira de Andrade, por ter aceitado ser meu orientador durante a execução deste trabalho.

À querida professora Tatiana Monteiro. Obrigada pela orientação e paciência, pelo interesse e disponibilidade. Suas contribuições e sabedoria foram fundamentais para a consecução deste projeto. Admiro-te pela profissional que és.

À professora Maria Júlia Pantoja, membro da banca, muito obrigada por aceitar o convite. Sua competência e vocação à docência muito contribuiu para minha formação.

À Universidade de Brasília - UnB, em particular, ao corpo docente do curso de Gestão de Agronegócios - Campus Darcy Ribeiro, muito obrigada pelo apoio, conhecimento e experiências proporcionados.

Aos colegas e amigos que fiz durante o curso, obrigada pelos momentos de aprendizado e pelos laços de amizade construídos.

Aos meus amados irmãos (Marcos, Marcelo e Marcones), verdadeiros amigos que, de formas diferentes, torcem igualmente pelo meu sucesso. Aos meus sobrinhos (Moisés, Lislaine, Ana Luiza, Natanael e Caio Felipe), titia ama muito vocês.

À Daiane Fonseca, grande amiga, que muito me ajudou com o desenvolvimento desse trabalho. Agradeço-te pela amizade (..há amigos mais chegados do que um irmão. Pv.18:24b).

Ao meu cunhado Netto, obrigada pelo incentivo de quatro anos atrás, senão fosse por você, hoje eu não estaria concluindo meu curso.

Ao Tiago Tricarico, você meu querido me ensinou o que é ser puro de coração e que a maior deficiência não está no corpo físico, mas na alma do preconceituoso. Gosto tanto de ti, nem imaginas o quanto...

A todos os amigos presentes em minha vida, sobretudo a Berenice Landi (madrasta que amo), Miriam Conceição (amiga do coração), Antônia Sousa (cunhada meio louca), Silvana Vieira (prima-irmã), Rejane Firmino (tia novinha), obrigada pela amizade e carinho, vocês tornam os meus dias difíceis em dias alegres.

Aos tios(as), primos(as), minha sogra Francisca, meus cunhados(as), minha vó Maria (in memoriam), meu avô, não importa se estão pertos ou longe, sempre serão a família que amo.

RESUMO

Este estudo busca identificar quem são os atores sociais estratégicos envolvidos no processo de desenvolvimento do Núcleo Rural Alexandre de Gusmão/DF e ainda entender como são estabelecidas as inter-relações entre estes. A metodologia utilizada foi um estudo de caso, com o objetivo de compreender o envolvimento desses atores e de que forma eles contribuem para a promoção do desenvolvimento do setor de hortifrúti de Alexandre de Gusmão/DF. A análise baseia-se em cinco grupos de atores sociais: poder público, instituições financeiras, centros de treinamentos, organismos profissionais e indivíduo empreendedor. Inspirada na abordagem da perspectiva orientada ao ator (POA), esta pesquisa mostra como diferentes grupos de atores e instituições influenciam o desenvolvimento regional. O estudo possibilitou identificar que as relações mais congruentes ocorrem entre a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (EMATER/DF) e o Banco de Brasília (BRB), EMATER/DF e organismos profissionais, EMATER/DF e Indivíduo empreendedor e que as interações entre esses agentes são relevantes para o processo de desenvolvimento. Sugerem-se algumas possíveis políticas públicas, com vistas a contribuir para que os diferentes atores do setor de hortifrúti logrem melhores resultados nas atividades, acelerando, por conseguinte, o desenvolvimento econômico da região.

Palavras-chave: desenvolvimento regional, perspectiva orientada para atores, hortifruticultura

ABSTRACT

This work aims to identify who are the strategic social actors involved in the process of development of the Country Nucleus Alexandre Gusmão/DF. Besides, this paper searches to understand how the inter-relations are established among them. It was used Case Study as a methodology, in order to understand the engagement of those actors and how they contribute to the development of the vegetable sector in Alexandre Gusmão/DF. The analysis is based on five groups of social actors: public power, financial institutions, training center, professional organizations and entrepreneur. The oriented point of view to the actor (POA) was the chosen approach. This research shows how the different groups of people and institutions influence the regional development. This study became possible to identify the types of relations exist among Aid Technical Enterprise and Country Extension from Distrito Federal (EMATER/DF), Brasilia Bank, professional organizations and entrepreneur. That interaction is important for the process of development. Some public policies were suggested as an aim to collaborate with different actors from vegetable sector, in order to have better results in their activities, becoming faster the economic growth of that region.

Keywords: regional development, perspective of actors, hortifruticultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapeamento dos atores atuantes em Alexandre de Gusmão/DF48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização dos atores do desenvolvimento	39
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de <i>Clusters</i>	29
Quadro 2 - Critérios para classificação e análise de aglomerados	30
Quadro 3 - Características das redes de empresas	34
Quadro 4 - Caracterização das relações entre os agentes atuantes	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APL - Arranjo Produtivo Local

ARCAG - Associação Rural e Cultural Alexandre de Gusmão

ASPAG - Associação dos Produtores Rurais de Alexandre de Gusmão

BB - Banco do Brasil

BRB - Banco de Brasília

DI - Distrito Industrial

EMATER/DF - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal

FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

FDR Social - Fundo de Desenvolvimento Rural Social

MAPA - Ministério da Agricultura e Pecuária

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PIB - Produto Interno Bruto

PICAG - Projeto Integrado de Colonização Alexandre de Gusmão

POA - Perspectiva Orientada para Atores

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

REDESIST - Rede de Sistemas Produtivos e Inovativos Locais

SEAGRI - Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAR/DF - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Distrito Federal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Apresentação e delimitação do tema	15
1.2	Descrição da situação problemática	17
1.3	Objetivo Geral	18
1.4	Objetivos Específicos.....	18
1.5	Justificativa	18
1.6	Estrutura e Organização do Trabalho.....	19
2	REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1	Desenvolvimento regional.....	20
2.1.1	Desenvolvimento regional e o modelo estruturalista	21
2.1.2	Desenvolvimento regional e a perspectiva orientada para atores	23
2.1.3	Desenvolvimento regional e aglomerações produtivas	25
2.1.4	Aglomerações produtivas e a perspectiva orientada para atores.....	27
2.1.4.1	<i>Clusters</i>	27
2.1.4.2	Arranjo Produtivo Local	29
2.1.4.3	Distrito Industrial.....	31
2.1.4.4	Ambiente Inovador	32
2.1.4.5	Rede de empresas	33
3	MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	35
3.1	Tipo de pesquisa.....	35
3.2	Objeto de estudo	36
3.3	Instrumentos e procedimentos para coleta e análise dos dados	36
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	38
4.1	Análise e caracterização dos atores	38
4.1.1	Organismos públicos	40
4.1.2	Instituições financeiras	41
4.1.3	Centros de treinamentos	43
4.1.4	Organismos profissionais	45
4.1.5	Indivíduo empreendedor.....	47
4.2	Análise das relações entre os atores do desenvolvimento.....	49
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	56
	APÊNDICES.....	61
	Apêndice A: Roteiro Entrevista Semiestruturada	61

ANEXOS.....	62
Anexo A: Decreto N.º 51.517 de 25 de junho de 1962	62
Anexo B: Festa do Morango na sede da ARCAG	63
Anexo C: Festa do Morango na sede da ARCAG.....	64
Anexo D: Festa da Goiaba.....	65
Anexo E: Yakisoba beneficente na sede da ARCAG.....	66
Anexo F: Planta esquemática das propriedades rurais do Projeto Integrado de Colonização Alexandre Gusmão (PICAG) em Brazlândia (DF).	67

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o Núcleo Rural de Alexandre de Gusmão/DF, a perspectiva orientada aos atores e o desenvolvimento regional. Este primeiro capítulo está dividido em seis tópicos, sendo o primeiro a apresentação e delimitação do tema, onde é identificada a área temática da pesquisa. O segundo, a formulação do problema seguido do objetivo geral e dos objetivos específicos. O quinto tópico abrange a justificativa de realização do estudo e, no último tópico, a estrutura e organização do trabalho.

1.1 Apresentação e delimitação do tema

O processo de desenvolvimento regional apresenta-se como tema central nas discussões das organizações e instituições, públicas ou privadas, por ser de fundamental importância nas transformações econômicas, políticas, humanas e sociais. Desta forma, têm-se como um dos instrumentos de desenvolvimento regional as aglomerações produtivas que Cassiolato e Lastres (2003), apontam como sendo a proximidade territorial de agentes econômicos, políticos e sociais. Assim sendo, os autores enfatizam que a formação de economias de aglomeração promovem vantagens oriundas da proximidade geográfica dos agentes, fortalecendo suas chances de sobrevivência e crescimento, constituindo-se em uma importante fonte geradora de vantagens competitivas.

As aglomerações produtivas apresentam proximidade territorial e auferem vantagens competitivas, sendo esse fator observado em vários setores da economia não sendo diferente no setor do agronegócio. No tocante, o agronegócio teve representatividade de 23% no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro com cerca de R\$ 1,1 trilhão, destes 70% advém das práticas agrícolas (BRASIL, 2014). Neste sentido, a agricultura aparece como um setor de grande representatividade, sendo a hortifruticultura um setor em expansão e de importância para a economia nacional. O mesmo em 2009 exportou mais de 870 toneladas de frutas e apresentou uma produção de 54 milhões de toneladas de verduras, frutas e legumes (BRASIL, 2014).

Dados gerados pela Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO, 2010), apontam para uma alta de 40% na produção brasileira de alimentos

entre 2009 e 2019, o que mostra um grande avanço na capacidade produtiva de alimentos no cenário mundial. Tendo a produção como característica para abastecimento e para suprir a demanda interna, o setor de hortifrúti brasileiro configura-se nos dias de hoje como um segmento de grande importância, cuja expressão econômica e social é muito significativa para o Brasil.

Isto posto, o setor de hortifrúti tem como base produtiva a agricultura familiar, esta detém significativa contribuição para o mercado de alimentos no âmbito nacional. Do ponto de vista estratégico deve-se pensar não somente no produto que tem sua produção e destinação voltada para a exportação e alimentação humana e animal, mas é primordial compreender como se desenvolvem as relações existentes entre os atores sociais nas regiões produtoras de hortifrúti.

Os atores, isto é, as empresas, instituições, governo, pesquisadores e sociedade, são peças-chaves e fundamentais no processo de desenvolvimento. A grande preocupação destes está em compreender e estimular o desenvolvimento quer seja na formulação de estratégias, na tomada de decisões econômicas ou na sua implementação. Para Buarque (1999), os atores sociais são grupos e segmentos sociais diferenciados na sociedade que constituem conjuntos relativamente homogêneos segundo sua posição na vida econômica e na vida sócio-cultural. Devido à prática coletiva, esses atores constroem identidades e espaços de influência dos seus interesses e de suas visões de mundo.

Segundo Viezzer (2005), o ator social é denominado como uma pessoa, grupo ou organização que participa de algum jogo social, possui um projeto, controla algum recurso relevante para o jogo, tem, acumula (ou desacumula) forças no jogo e, portanto, possui capacidade de produzir fatos no jogo. A partir deste contexto, baseado nessa perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo identificar os atores-chaves no processo de desenvolvimento do setor de hortifrúti do Núcleo Rural Alexandre de Gusmão, localizado em Brazlândia/DF.

1.2 Descrição da situação problemática

O Brasil como evidenciado, possui uma imensa capacidade produtiva e o agronegócio contribui de forma significativa para essa produção. O setor de hortifrúti em Alexandre de Gusmão/DF é dinâmico e cresce focado em produtos e serviços. É uma atividade de natureza inovadora intensa em tecnologia,

conhecimento e mão-de-obra qualificada. A presença de atores (universidades, parques tecnológicos, entidades financeiras, instituições de ensino e pesquisa e órgãos governamentais e privados) pode favorecer a concentração espacial de atividades e induzir o desenvolvimento (SILVA, 2014).

Nesse panorama de produção, o Distrito Federal apresenta-se como um produtor significativo. Apesar de ser a menor unidade federativa do Brasil, a região tem grande importância para o agronegócio com destaque na produção de hortifrútiis, leite, suínos e aves. Segundo dados divulgados pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), em 2011, o PIB do Distrito Federal passou para R\$ 164,5 bilhões, em valores correntes, assumindo a sétima posição no ranking das maiores economias do Brasil. O valor adicionado bruto do setor agropecuário, ainda que pouco relevante para o PIB local, apenas 0,3% deste, se revelou em um considerável crescimento real, da ordem de 43,1%, em relação a 2010 (CODEPLAN, 2015).

Na produção de alimentos, várias áreas destacam-se, sendo uma delas a região de Brazlândia. A mesma é responsável por mais de 13% da produção total do DF, abarcando 38,73% da produção de hortaliças e ainda por quase um terço da produção de frutas (BRASIL, 2014). Cerca de 47,51% (225,61 hectares) da área total (rural +urbana) está inserida no Projeto Integrado de Colonização Alexandre de Gusmão (PICAG). Segundo Falcomer (1994), essa região é responsável pela produção de 40% dos produtos hortifrutigranjeiros consumidos no Distrito Federal, destacando-se na produção de morangos. Apesar de apresentar relevância na produção e no fornecimento de alimentos, não existem estudos que comprovem quem são os atores-chaves que de fato viabilizam o processo de desenvolvimento da região. Portanto, a luz dessas considerações têm-se como pergunta problema:

- ***Quem são os atores-chaves no processo de desenvolvimento do setor de hortifrútiis do Núcleo Rural de Alexandre Gusmão – DF?***

1.3 Objetivo Geral

- O objetivo geral do presente estudo busca identificar os atores sociais estratégicos no processo de desenvolvimento do setor de hortifrútiis do Núcleo Rural Alexandre de Gusmão/DF.

1.4 Objetivos Específicos

- Identificar os atores envolvidos no processo de desenvolvimento da hortifruticultura na região de Brazlândia/DF;
- Verificar a participação dos agentes públicos no processo de desenvolvimento da hortifruticultura da região de Alexandre de Gusmão/DF;
- Analisar as relações estabelecidas entre os agentes públicos e privados na aglomeração produtiva de Alexandre de Gusmão/DF.

1.5 Justificativa

Até algumas décadas atrás, não reconhecia-se o papel de destaque dos atores sociais dentro das organizações. Todavia, percebe-se hoje a relevância destes para o processo de desenvolvimento social e econômico dos países. Conjuntamente com o aumento da relevância do papel dos atores, a cadeia de produção de hortifrúteis vem registrando constantes aumentos na sua produtividade e, cuja expressão econômica e social é muito significativa para o Brasil. Desta forma, a elaboração de uma análise sobre os atores sociais presentes nesse processo é fundamental para entendimento do setor e dos aspectos relativos ao desenvolvimento regional.

Na dimensão social e econômica, o presente trabalho favorece e propicia a elaboração, formulação e implementação de políticas públicas que possam contribuir para o desenvolvimento econômico da região em questão. Reafirmando esse ideal, Bandeira (1999), destaca que a participação dos atores busca não somente promover a implementação de ações específicas e delimitadas ao setor, mas, influenciar como um todo, o processo decisório. Apesar da relevância dos atores sociais e sua relação nos processos de desenvolvimento, é notório a necessidade de mais estudos que envolvam essa temática. Isso porque, nota-se que apesar da importância destes, o número de pesquisas que enfatizam tais relações ainda é restrito a alguns autores. Sendo assim, este estudo pretende estimular o entendimento deste tema com o intuito de contribuir com a literatura sobre o assunto no país.

1.6 Estrutura e organização do trabalho

Este trabalho estrutura-se, além da introdução e das considerações finais, em quatro capítulos. No primeiro capítulo busca-se apresentar um breve contexto sobre desenvolvimento regional, a importância das aglomerações produtivas para o agronegócio, a contribuição do setor de hortifrútis para o desenvolvimento e o conceito de ator social.

No segundo capítulo contextualiza-se o desenvolvimento regional e o modelo estruturalista, apresenta-se a perspectiva de atores e conceituam-se as aglomerações produtivas. No capítulo seguinte, apresentam-se os métodos de pesquisa, bem como os instrumentos, procedimentos e técnicas de pesquisa que foram utilizados.

O quarto e último capítulo contém a apresentação e análise dos resultados. Neste, caracteriza-se os atores sociais estudados presentes em Alexandre de Gusmão/DF. Por fim, o último capítulo concentra-se na aplicação dos conceitos de atores sociais e na análise das relações entre esses atores e de sua importância para o desenvolvimento da região.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo faz uma contextualização referente as interfaces do desenvolvimento regional, englobando o modelo estruturalista e a perspectiva orientada para atores (POA). Nessa premissa, apresenta-se a importância da participação dos atores sociais no processo de promoção do desenvolvimento regional.

2.1 Desenvolvimento Regional

Sobre as teorias de desenvolvimento, Schumpeter (1985) define desenvolvimento econômico como as mudanças da vida econômica que não lhe são impostas de fora, mas que surgem de dentro por sua própria iniciativa. Para Furtado (1964), o desenvolvimento consistiria em um processo de mudança social pelo qual as necessidades humanas são satisfeitas por uma diferenciação do sistema produtivo através da introdução de inovações tecnológicas.

Segundo Somekh (2008), o desenvolvimento significa “estágio econômico social e político de uma comunidade, caracterizado por altos índices de rendimento dos fatores de produção”. O autor aponta que diferentemente do crescimento econômico, a noção de desenvolvimento abriga não só a evolução quantitativa da reprodução da riqueza material, mas também as possibilidades de melhor distribuição, porém tratando-se de desenvolvimento regional, não se limita a questão econômica e está longe de ser uma abordagem com conceito homogêneo e consensual.

Assim, distinguindo o desenvolvimento de crescimento econômico Tomazzoni (2009), aponta que um país pode apresentar altos índices de crescimento econômico, mas ser injusto na distribuição da renda e no acesso da população à educação, à saúde, saneamento básico, não havendo assim, distribuição dos resultados gerados pelo crescimento econômico.

Boisier (1993), aponta que fundamentalmente a capacidade de organização social do desenvolvimento econômico associa ao aumento da autonomia regional para a tomada de decisão; ao aumento da capacidade para reter e reinvestir o excedente econômico gerado pelo processo de crescimento local; a um crescente processo de inclusão local e a um processo permanente de conservação e

preservação do ecossistema regional. Assim, observa-se que a transformação de crescimento em desenvolvimento é fortalecida pela complexa malha de instituição e de agentes de desenvolvimento, vinculados por aspectos regionais sejam eles culturais ou políticos.

O desenvolvimento regional em conjunto com o crescimento econômico pressupõe a organização da região levando-os à competitividade dinâmica das empresas e melhoria da qualidade de vida (HADDAD, 2001), pois como é enfatizado por Sen (2010) o desenvolvimento tem de estar relacionado, sobretudo com a melhora da vida das pessoas. O desenvolvimento regional não pode estar atrelado apenas ao crescimento econômico, mas também a fatores sociais, culturais, ambientais e políticos, acompanhado da melhoria na qualidade de vida (LIMA; NEVES; OLIVEIRA, 2002; CASSAROTTO; PIRES, 2001).

Corroborando, Silveira (2005) enfatiza a relevância do desenvolvimento a nível regional. O autor destaca que o sistema econômico mundial está longe de constituir um mercado único e globalizado uma vez que os bens e serviços que não são objetos de transação internacionais, correspondem a mais de dois terços do PIB mundial, ou seja, o desenvolvimento “fora do núcleo globalizado” é que de fato permite a expansão e fortalecimento dos mercados.

Ademais, Martinelli e Joyal (2004), apontam que o desenvolvimento local reforça as comunidades, dinamizando suas potencialidades, mas, para que isso seja possível, é necessária a reunião de diversos fatores. Neste sentido, o desenvolvimento econômico é uma questão ampla, pois engloba desde a evolução positiva dos indicadores econômicos, bem como as melhorias nos indicadores sociais e a preservação do ecossistema (LIMA et al, 2002).

2.1.1 Desenvolvimento regional e o modelo estruturalista

O processo de desenvolvimento regional está intimamente ligado aos aspectos ditos estruturais que segundo Long e Ploeg (1994), é concebido pela teoria modernista como os fatores de tecnologia e instituições. Os autores apontam que nesse processo, o desenvolvimento é concebido através de uma série de intervenções envolvendo a transferência de tecnologias, conhecimentos, recursos e formas de organização.

Neste sentido, existe na literatura uma abordagem que se opõem a análise

estrutural centrado-se na relação entre os atores e a sociedade. A seguinte interpelação segundo Long e Ploeg (1994) é nomeada de perspectiva orientada aos atores (POA) e mostra-se mais dinâmica para o entendimento das mudanças sociais.

Os dois modelos estruturais dominantes, a teoria da modernização e a teoria neomarxista, apesar de apresentarem diferenças ideológicas, têm semelhanças paradigmáticas, ou seja, servem como modelo e que, de acordo com Long (*apud* SCHNEIDER, GAZOLLA, 2011, p. 22), estas teorias estruturais possuem limitações teóricas e metodológicas, pois se apoiam em determinismos, linearidade e hegemonia institucional.

A teoria da modernização visualiza o desenvolvimento como um movimento constante em direção a formas mais complexas tecnologicamente e institucionalmente integradas da sociedade moderna. Long (1992, p.17) apresenta essa ideia da seguinte forma:

“[...] e mantido com a participação crescente em mercados de commodities através de uma série de intervenções que envolvem transferência de tecnologia, do conhecimento, dos recursos e do papel organizacional do setor mais desenvolvido de um país às partes menos desenvolvidas”.

Logo, a sociedade tradicional é levada para o mundo moderno por meio da economia e de sua estruturação social, mesmo que gradualmente apresente crises no âmbito institucional considerados obstáculos culturais e sociais à mudanças. Por outro lado, as teorias neomarxistas ressaltam a natureza exploratória desses processos, atribuindo-os a expansão do capitalismo mundial e a contínua necessidade de abrir novos mercados, do aumento do nível de excedentes (mais-valia) e do acúmulo de capital. Conforme ressalta Long (1992), o resultado desses fatores são interesses de capitais estrangeiros ou nacionais, de relações subordinadas ou não e de dependências econômicas e políticas entre países.

As duas perspectivas teóricas apresentam posições ideológicas opostas. Enquanto uma segue um ponto de vista mais liberal e crê nos benefícios do gradualismo e no efeito do transbordamento (*trickle-down effect*), a outra adere a um ponto de vista mais radical e configura o desenvolvimento como um processo desigual por abranger a exploração contínua das sociedades periféricas.

No entanto, os dois modelos apresentam semelhanças no sentido de que

ambos concebem desenvolvimento. As mudanças sociais surgem, a princípio, do centro do poder na forma de intervenção pelo estado ou interesses internacionais, continuando por um caminho determinado e abrangente de desenvolvimento, guiados por estágios de desenvolvimento distintos ou pela sequência de modos de produção dominantes ou ainda pela sucessão de regimes diferentes do capitalismo.

2.1.2 Desenvolvimento regional e a perspectiva orientada para atores

A perspectiva orientada aos atores propõe uma visão na qual indivíduos e grupos sociais devem ser apreendidos como “sujeitos ativos” na construção dos processos sociais em que estão envolvidos (MENEZES; MALAGODI, 2011). Corroborando com esse ideal, Long e Ploeg (2011) definem atores sociais como participantes ativos que processam informações e utilizam estratégias nas suas relações com vários outros atores sociais, assim como instituições e pessoas externas. Segundo Schneider e Gazolla (2011) são eles que desempenham um papel inovador nas formas de organização dos processos de produção.

A perspectiva orientada aos atores visa justamente, compreender o modo como distintos agentes influenciam a formulação e a implementação de políticas e projetos de desenvolvimento, afetando seus resultados (Schmitt, 2001). A POA comunga com a premissa de que os agricultores desenvolvem e manifestam múltiplas formas de adaptação e reflete a heterogeneidade do mundo rural, transformando em ferramenta teórica e analítica que auxilia na compreensão das ações e do universo em que vivem (Toledo e Schneider, 2008).

Long (1982, 2001) enfatiza que as pessoas são elementos fundamentais nas estratégias para o desenvolvimento e que, mesmo sofrendo as influências externas, criam formas de processar essas influências adequando-as às suas realidades. Delgado, Bonnal e Leite (2007) ressaltam que na área de abrangência das políticas territoriais figuram um conjunto diferenciado de atores. Os autores salientam que mesmo quando se trata de desenvolvimento é preciso considerar a amplitude e o caráter do leque de atores envolvidos e pensar a dimensão conflitiva como um processo intrínseco à constituição desse novo espaço.

Neste sentido, Gonzalez, Pereira e Solgio (2014), ressaltam que a POA “surge como uma tentativa diferencial sobre os estudos de desenvolvimento

baseados em análises estruturais e genéricas, aportando fundamentos teóricos e metodológicos para o estudo de desenvolvimento a partir do ator e da construção social”. A perspectiva orientada aos atores visa, justamente, compreender o modo como distintos agentes influenciam na formulação e na implementação de políticas e projetos de desenvolvimento, afetando seus resultados.

Corroborando com as ideias de Long, Giddens (1984), salienta a relação da perspectiva voltada para o ator com a noção de agência humana. Segundo ele, a noção de agência humana é resultado de um processo reflexivo dos atores, a partir de sua capacidade de agir em diferentes situações de forma consciente e de refletir suas escolhas, ou seja, os atores são capazes de compreender o que fazem, porque o fazem e quando o fazem.

O enfoque orientado ao ator possibilita identificar e analisar a visão de desenvolvimento dos diferentes atores e compreender o processo existente entre estrutura e ação social. Long e Ploeg (201, p. 18) estabelecem uma conexão da Perspectiva Orientada ao Ator ao paradigma do desenvolvimento rural ao enfatizarem que:

[...] se externaliza em processos multi-nível, multi-ator e multifacetado, ao estabelecer relações micro e macro, vincular diversos atores (agricultores, agentes de desenvolvimento, empresários, organismos estatais) pela competência dos recursos e ao confrontar diversas questões associadas no meio rural como são: paisagem, conservação dos recursos naturais, agroturismo, produção orgânica, produção de alta qualidade e produtores regionais, o que implica também a reconfiguração do uso dos recursos rurais.

Para Delgado, Bonnal e Leite (2007), os atores sociais são então compreendidos como porta-vozes no que tange as formas de organização e representação do seus interesses. Em vista disso, a POA estabelece uma conexão e compreensão do desenvolvimento regional ao salientar as interações entre eles, seja no contato com outros atores e intuições ou na formulação de políticas e projetos de desenvolvimento.

2.1.3 Desenvolvimento regional e aglomerações produtivas

Nas últimas décadas, a dimensão espacial voltou a despertar interesse com a tentativa de se compreender as razões que levaram ao surgimento de

aglomerações¹ de micro e pequenas empresas eficientes e competitivas em um determinado espaço territorial. Grande parte desse crescente interesse por pesquisadores e estudiosos sobre o desenvolvimento regional, se deve à bem sucedida experiência de desenvolvimento econômico ocorrida na chamada Terceira Itália e no Vale do Silício, nos Estados Unidos, os quais passaram a servir de exemplo para outras partes do mundo.

No Brasil, no decorrer dos últimos anos, tem crescido o interesse pelo estudo das aglomerações produtivas, dada a sua importância para o desenvolvimento econômico e regional. Na Teoria de Desenvolvimento Regional, surge a abordagem de Aglomerações produtivas como ferramenta básica de estudos e ações voltadas para promoção e potencialização de empresas com produção especializada e concentradas geograficamente.

Os estudos apresentados nas principais abordagens sobre aglomerações produtivas locais, datam do fim do século XIX e sua principal referência encontra-se nos estudos do economista Alfred Marshall que, em sua obra *Princípios de Economia* (1882), ressalta a importância da concentração industrial, em especial de pequenas empresas, para produzir ganhos de escala e beneficiar-se de economias externas.

As aglomerações produtivas segundo Suzigan e Schmitz podem ser analisadas a partir de cinco abordagens, são elas: Nova Geografia Econômica, Economia de empresas, Economia regional, Economia da inovação e a Abordagem de pequenas empresas e distrito industrial. A Nova Geografia Econômica, com o trabalho de Krugman (1998) apresentou a discussão sobre retornos crescentes advindos da aglomeração na agenda da teoria econômica tradicional.

A abordagem sobre Economia de Empresas, destaca as contribuições de Porter (1998), ao enfatizar a importância dos clusters e de fatores locais. Além disso, o autor destaca a importância da proximidade, não apenas de fornecedores, mas também de empresas rivais e clientes para o desenvolvimento empresarial dinâmico. Uma terceira abordagem chamada de Economia Regional ou Ciência Regional apresenta várias correntes de pensamento com destaque para Becattini (1994), Brusco (1990), Pyke e Sengenberger (1992) e Scott (1998). Para os autores,

¹ “O termo aglomeração – produtiva, científica, tecnológica e/ou inovativa – tem como aspecto central a proximidade territorial de agentes econômicos, políticos e sociais (empresas e outras instituições e organizações públicas e privadas)”. (REDESIST, 2003, p. 10).

tal concepção tem contribuído para uma nova ênfase na região como as relações interdependentes.

A próxima abordagem é intitulada A Economia da Inovação ou economia neoschumpeteriana e tem como ênfase os trabalhos de Andretsch, Lundvall e Freeman. Essa linha de pensamento para Cassiolato e Lastres (1999), lança e desenvolve o conceito de sistemas nacionais de inovação, destacando a inovação associada a processos de aprendizado específicos. Ressalta-se a importância do conhecimento tácito, das instituições e das políticas, como também de todo o ambiente sociocultural onde estão inseridos os agentes econômicos. Por fim a abordagem de Pequenas Empresas e Distritos Industriais, baseando-se nos estudos de Schmitz (1997), aponta que além das economias externas locais, existe uma força deliberada em ação, derivada da cooperação substancial entre os atores do setor público e privado.

As diferentes abordagens têm em comum a ênfase em alguns aspectos essenciais para a construção de vantagens competitivas. Nas duas primeiras abordagens as aglomerações são tratadas como resultado natural das forças de mercado, e as três últimas apresentam em comum a cooperação entre empresas e uma forte presença do Estado por meio de políticas públicas (SUZIGAN, 2000). Deste modo, resgatam a importância da diversidade dos formatos institucionais que refletem a dimensão localizada do aprendizado tecnológico, por conseguinte, confere importância às aglomerações produtivas locais enquanto elemento central na competitividade econômica, dinamismo tecnológico e no desenvolvimento das regiões e das firmas.

Ao longo dos anos, formou-se um impressionante consenso sobre importância das concentrações produtivas para o desenvolvimento econômico e social de uma região. É notório que as origens e o desenvolvimento das várias correntes teóricas em aglomerações produtivas conduziram ao surgimento de diferentes conceitos no estudo da concentração geográfica de indústrias. Sendo assim, não existe uma definição consensual sobre a noção de aglomerações; as diferentes abordagens utilizadas para tratar o tema “não apenas são diversas, mas conceitualmente difusas, apresentando diferentes taxonomias que se relacionam aos diferentes programas de pesquisas” (Cassiolato e Szapiro, 2002).

Vale ressaltar ainda que a multiplicidade de abordagens apresenta uma literatura reduzida no Brasil, devido ao recente interesse por parte de pesquisadores

e da sociedade em geral. Neste sentido, diversos são os conceitos de aglomeração apresentados pelas abordagens, os principais são: Distritos Industriais, Arranjos Produtivos Locais, Ambiente Inovador e Rede de Empresas. Assim, destacando-se como principais concepções de aglomerações produtivas, as mesmas serão conceituadas e analisadas no tópico a seguir.

2.1.4 Aglomerações produtivas e a perspectiva orientada para atores

A partir da contextualização apresentada nos tópicos anteriores, verifica-se a importância dos atores sociais para o entendimento do desenvolvimento regional. O processo de desenvolvimento, embora seja um tema amplo e de várias teorias, destaca o crescente movimento em torno das aglomerações produtivas. Segundo Moraes (2013), uma aglomeração produtiva “é a concentração de atividades similares ou interdependentes em um determinado espaço ou território, não importando o tamanho das empresas, nem a natureza da atividade econômica desenvolvida”. O autor aponta que essas atividades podem estar relacionadas ao setor agrícola, industrial ou de serviços.

O processo de desenvolvimento além de favorecer os aspectos produtivos, estimula o crescimento econômico da região como também a participação e articulação dos atores sociais envolvidos nesse contexto. Sendo assim, a Perspectiva Orientada ao Ator (POA) tem sido uma abordagem que permite analisar os processos de desenvolvimento regional dentro das aglomerações produtivas.

Segundo Ploeg, Ye e Schneider (2015), os atores funcionam como uma força motriz nesse processo. O autor salienta que a POA contribui consideravelmente com as diferenças presentes no espaço rural, pois coloca o foco sobre o ator e de como esse ator, a partir de seus recursos (recursos naturais, políticas públicas, redes sociais, mercados e de outras relações entre rural e urbano), irá definir e operacionalizar seus objetivos e práticas. Nesse contexto, é possível observar as ações e relações entre os indivíduos no processo de desenvolvimento regional.

2.1.4.1 Clusters

Dentre os tipos de aglomerações produtivas que são características do desenvolvimento regional, os *Clusters* não são uma criação recente ele foi

introduzido por A. Marshall em sua obra *Industry and Trade*, de 1919. Nesta obra, o autor aponta que as vantagens econômicas de uma produção em grande escala podem ser conseguidas também por um conjunto estruturado de pequenas empresas altamente especializadas, concentradas num dado território e com uso do mercado de trabalho (AZAIS; CORSANI; NICOLAS, 1997, p.99).

Clusters são aglomerados de empresas que atuam na mesma cadeia produtiva. Porter (1998) compartilha dessa perspectiva e enfatiza que essas empresas formam um agrupamento geograficamente concentrado e estão vinculadas por elementos comuns e complementares. O autor apresenta ainda algumas das particularidades do cluster: abrangência de fornecedores; ramificação do canal de distribuição e clientes; presença de instituições governamentais e de ensino; fomento à produtividade; estímulo à inovação e aos novos negócios; acesso a empregos, formação e conhecimentos; atração de atividades correlatas; incentivo à qualidade; agilidade e poder de influência.

Haddad (1999), seguindo o modelo porteriano, destaca que as indústrias e instituições têm ligações entre si, tanto horizontal quanto verticalmente e ainda enfatiza que a essência do desenvolvimento do cluster é a criação de capacidades produtivas especializadas dentro de regiões para a promoção de seu desenvolvimento econômico, ambiental e social.

O serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE (2004), salienta que as empresas relacionadas, além de partilharem a infraestrutura e o mercado de trabalho especializado, compartilham as mesmas ameaças e oportunidades. O autor ainda enfatiza que a literatura especializada apresenta várias tipologias que são englobadas no conceito de clusters conforme demonstrado no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Tipos de *Clusters*

Tipos	Características
Distrito Industrial	São sistemas locais de produção caracterizados pelo conjunto de pequenas e médias empresas em torno de uma indústria dominantes onde as firmas, frequentemente, se especializam em diferentes etapas do processo produtivo.
Arranjo Produtivo Local	Tipo particular de <i>clusters</i> , formado por pequenas e médias empresas, agrupadas em torno de uma profissão ou negócio, onde se enfatiza o papel desempenhado pelos relacionamentos entre empresas e demais instituições envolvidas.
Rede de Empresa	São grupos de firmas que interagem e apresentam um certo grau de interdependência, porém não operam, necessariamente, em indústrias relacionadas, nem precisam ser espacialmente concentradas.
Ambiente Inovador	Uma rede densa intra-regional de agentes inovadores em uma

	determinada região aumenta a probabilidade de crescimento para as firmas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento regional.
--	--

Fonte: Adaptado de SEBRAE (2004).

Diante do exposto, os *clusters* são então caracterizados por serem aglomerações de empresas com especialidade produtiva, localizadas em uma concentração geográfica e setorial e relações entre os atores. Os *clusters* são compostos principalmente por pequenas empresas que buscam ganhos de eficiência coletiva por meio das externalidades, contam com apoio de agentes econômicos, sociais e políticos. Porter (1999), adiciona que as relações entre os agentes geram amplos benefícios associados à qualidade de vida.

2.1.4.2 Arranjo Produtivo Local

Os Arranjos produtivos Locais (APLs) apresentam um conceito que segundo Noronha e Turchi (2005), enfatizam a ambigüidade que o termo *clusters* envolve. A essência da definição está pautada na especialidade da produção e na delimitação espacial. Contudo, a definição difundida no Brasil, assume um método de análise mais rigoroso. Para Cassiolato e Latres (2003, p.3):

Consoante com a definição proposta pela Redesist², Arranjos Produtivos Locais são aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais - com foco em um conjunto específico de atividades econômicas - que apresentam vínculos mesmo que incipientes. Geralmente envolvem a participação e a interação de empresas - que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros - e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras organizações públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos, como escolas técnicas e universidades; pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento.

De acordo com o SEBRAE (2004), os APLs são formados por médias e pequenas empresas, que se agrupam em torno de uma profissão ou negócio, onde se preza a teia de relacionamentos, sejam eles formais e informais. O autor destaca ainda, que essa interação tem a natureza cooperativa e/ou competitiva e, tende a

² A Rede de Sistemas Produtivos e Inovativos Locais - RedSist é uma rede de pesquisa interdisciplinar, formalizada desde 1997, sediada no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e que conta com a participação de várias universidades e institutos de pesquisa no Brasil, além de manter parcerias com outras instituições da América Latina, Europa e Ásia.

socializar o conhecimento e reduzir os custos de transação. Os ganhos de escalas e as economias externas, só são gerados por que o APL apresenta características que envolvem a proximidade territorial entre as organizações, a inovação e o aprendizado.

O APL é um tipo especial de agrupamento e, como dito anteriormente, apresenta particularidades relacionadas ao conceito geral de *clusters*. Segundo Tomazzoni (2009) diversos enfoques são usados para identificar um modelo como sendo Arranjo Produtivo Local. Critérios que compõem um método de classificação e análise de aglomerados são apresentados pelo autor e estão descritos no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 - Critérios para classificação e análise de aglomerados

a) Relações baseadas em confiança
b) Adensamento de micro e pequenas empresas
c) Proximidade geográfica que facilita cada vez mais comunicação em bloco
d) Valorização dos conhecimentos do tipo tácito que representam a diferença competitiva dessas aglomerações no mundo
e) Preocupação com análise dinâmica

Fonte: Adaptado de TOMAZZONI (2009).

SEBRAE (2004), enfatiza que no APL as pequenas e médias empresas são responsáveis pela grande parte dos empregos e da produção e, que esses sistemas locais são mais flexíveis, quando comparado com o modelo fordista tradicional. Esses aglomerados favorecem uma capacitação polivalente da mão de obra, ou seja, o trabalhador não se especializa somente na sua área de atuação, o que promove uma construção de conhecimento pautada na cooperação.

A ênfase desta abordagem recai sobre a importância da inovação e do aprendizado interativo como fatores de competitividade sustentada envolvendo diferentes atores em âmbito local. Sendo assim *clusters* e APLs apresentam diferentes abordagens, enquanto o primeiro busca a melhoria da competitividade da empresa, auferindo vantagens de desempenho, o segundo promove a qualidade de vida da comunidade.

2.1.4.3 Distrito Industrial

A abordagem sobre Distrito Industrial (DI) é uma vertente comumente presente nos estudos de aglomerações produtivas. O conceito de distritos industriais foi introduzido pelo economista inglês Alfred Marshall, no final século XIX. Segundo Marshall (1985), a concentração de firmas em uma mesma região pode prover ao conjunto dos produtores vantagens competitivas, que não seriam evidenciadas se eles estivessem atuando isoladamente. De acordo com o autor, um dos fatores que auferem importância a ideia de externalidades positivas, deriva da existência de instituições políticas e sociais de uma região, agentes importantes no desenvolvimento de indústrias especializadas.

Segundo define Lastres e Cassiolato (2003), os distritos industriais referem-se as aglomerações de empresas, que apresentam um elevado grau de especialização e interdependência, seja de caráter horizontal (entre empresas de um mesmo segmento) ou vertical (entre empresas que desenvolvem atividades complementares em diferentes estágios da cadeia produtiva). Neste contexto, Tomazoni (2009) considera que distritos e pólos industriais são aglomerações urbanas e conjuntos de instituições em torno de uma cadeia produtiva. Outra vertente sobre distritos industriais é apontada por Feitosa (2005, p. 586):

Aglomerações de pequenas e médias empresas espacialmente concentradas e setorialmente especializadas, que operam numa atmosfera cultural e social fundamentada na cooperação, confiança e reciprocidade entre os agentes. Ressalta uma ampla divisão do trabalho entre as empresas locais (por tarefa e não por produtos), um espírito empresarial aguçado e uma capacidade de atender rapidamente a demanda, dada a produção flexível. O sucesso deste tipo de sistema produtivo local repousa não exatamente no econômico, mas, sobretudo, no social e no institucional, ou seja, nas relações de cooperação e confiança entre os agentes (BECATTINI, 1994; 1999; SCHMITZ, 1997; MARKUSEN, 1995; SENGENBERGER; PYKE, 1999; AMARAL FILHO, 2009.

Corroborando com esta perspectiva, Keller (2008) enfatiza que os distritos industriais nascem quando se observa mais que especialização e divisão do trabalho entre as firmas. Segundo o autor, este tipo de aglomeração é marcado pela criação ou surgimento de formas implícitas e explícitas de cooperação entre os agentes locais. Becattini (1994), enfatiza que nos distritos industriais o mais importante é o sistema de valores e de pensamento relativamente homogêneo, pautados pela ética do trabalho, família, reciprocidade e mudança, norteadores dos principais aspectos

da vida, transmitidos de geração em geração e regidos por instituições e regras.

Em termos simples, os distritos não se baseiam apenas em características econômicas como as externalidades geradas pela divisão de trabalho ou em bases socioculturais, as vantagens destas regiões derivam da capacidade de especialização e da interação entre os atores, existentes no interior das aglomerações.

2.1.4.4 Ambiente Inovador

Uma abordagem que vem crescendo e ganhando importância é de Ambiente Inovador (*millieux innovateurs*), por colocar a região como principal unidade de análise e por apresentar as características que os contextos locais precisam ter para servir de base para a formação de redes de relacionamento e geração de inovações. Sob contextos competitivos e tecnológicos, o conceito de ambiente inovador ganhou relevância, criando novas oportunidades para ambientes locais e pequenas e médias empresas.

Segundo define Maillat (1996), o termo *Millieu* quer dizer uma entidade geográfica aberta ao mundo exterior, onde esta possui seu próprio *know-how*, regras e um conjunto de conexões particulares e atores, onde se pode identificar uma dotação de recursos físicos e humanos. O autor ressalta a importância da existência de políticas que estimulem a capacidade inovativa de uma região, destaca o envolvimento de diversos atores no estímulo de sinergias de forma a desenvolver benefícios e capacidades coletivas de mudança, além da necessidade de estabelecer ligações com as instâncias externas de modo a formar redes de relacionamentos com mercados e fontes de tecnologias.

Para a RedeSist (2003, p. 15), a abordagem dos *millieux innovateurs* é definida como “o local ou a complexa rede de relações sociais em uma área geográfica limitada que intensifica a capacidade inovativa local através de um processo de aprendizado sinérgico e coletivo. Consideram-se não apenas as relações econômicas mas também sociais, culturais e psicológicas. Nesse sentido, a inovação torna-se um processo coletivo, o qual é provocado com complexidade e interatividade pelo ambiente em que está inserido. Essa relação implica no surgimento e na manutenção da interação dinâmica, facilitando dessa forma, a aprendizagem socialmente ampliada dos atores locais e os processos de

transformação.

2.1.4.5 *Redes de empresas*

Com a globalização, as empresas passaram a conviver em um contexto de mudanças influenciadas de diferentes formas, desde a gestão financeira até o recrutamento de pessoas para suas organizações. O interesse crescente pela temática de redes de empresas vigora desde os anos 1960 e 1970, o que despertou a busca de novas explicações e estudos para o gerenciamento de redes, sua utilidade e sua relação com o desempenho das empresas.

As articulações entre os agentes econômicos tornam-se condicionantes para o aumento da competitividade (COUTINHO, 1992), e a cooperação entre esses agentes permitiram a eficiência coletiva, obtida pela transferência de conhecimento, inovação e compartilhamento de outros recursos essenciais para o aumento da competitividade.

Rodrigues (2014, p. 9), define rede de empresas como “a associação formal ou informal de empresas com características semelhantes ou com forte vinculação a um determinado setor econômico ou ao(s) cliente(s) com grande influência territorial”. A Redesist (2003), aponta que rede de empresas refere-se a arranjos interorganizacionais de empresas autônomas geradas por vínculos sistemáticos entre firmas, assumindo formas variadas, como aquisição de partes de capital, alianças estratégicas e externalização de funções da empresa.

A formação de redes de empresas pode estar relacionada a diferentes elos de uma determinada cadeia produtiva (fornecedor – produtor – usuário), onde, geralmente as pequenas firmas concentram-se em torno de grandes empresas para o fornecimento de insumos ou serviços. Corroborando com essa perspectiva, Malafaia Júnior (2006, p. 9) explica que:

"As redes de empresas são formadas por grupos de empresas com interesses comuns que se unem para a melhoria da competitividade de um determinado setor ou segmento. Nasce de empresas independentes que, tendo por objetivo a realização de atividades comuns, se unem formal ou informalmente, direcionando todo o esforço para suas atividades principais."

No geral, essas redes empresariais estão ligadas à proximidade geográfica e também porque apresentam atividades ou interesses parecidos, possibilitando dessa

forma, o compartilhamento de visões e valores. Além desses fatores, outras características são intrínsecas as redes de empresas conforme Britto (2002), ressalta no quadro 3 a seguir:

Quadro 3 Características das redes de empresas

1) a presença de um grau elevado de compatibilidade e complementaridade técnica entre os agentes e as atividades por eles realizadas;
2) a existência de um grau elevado de integração de atividades produtivas no nível da rede, devido à presença de externalidades técnicas, pecuniárias e de demandas;
3) a geração de externalidades tecnológicas e outros tipos de ganhos relacionados ao processo técnico, devido às vantagens de empresas inseridas nesses arranjos e à complementaridade entre as respectivas competências;
4) a consolidação de uma infraestrutura particular conforme tais sistemas, a qual implica grau de irreversibilidade quanto a investimentos realizados por seus agentes.

Fonte: adaptado de Britto (2002).

As redes visam fortalecer as ligações entre as formas intermediárias de coordenação, que impulsiona o território para o desenvolvimento (MULS, 2008). A ideia ao se formar uma rede é buscar o fortalecimento para competir no mercado. Ao formar as redes, diversos outros benefícios estão envolvidos e cada agente tem uma função estratégica para fortalecer a rede e ampliar as vantagens competitivas, visando atuar no mercado diante das exigências globais.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

No tópico a seguir, são apresentadas as estratégias metodológicas que foram utilizadas neste trabalho, para responder ao problema de pesquisa e atender os objetivos geral e específico.

3.1 Tipo de pesquisa

De acordo com Gil (2002), a pesquisa é requerida quando se objetiva proporcionar respostas aos problemas que são propostos, ou quando não se dispõe de informações adequadas relacionadas ao problema. O presente estudo tem por objetivo analisar quais são os atores-chaves no processo de desenvolvimento da região de Brazlândia/DF, mais precisamente no Núcleo Rural Alexandre de Gusmão/DF.

Quanto a natureza das variáveis, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, deveras a pesquisa será aplicada no contexto de que trata o tema deste trabalho. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), os resultados obtidos com a pesquisa aplicada objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos, além de envolver verdades e interesses locais.

Quanto à abordagem do problema, a pesquisa será desenvolvida pelo método qualitativo, não realizando nenhum tipo de análise de caráter quantitativo. O objetivo da pesquisa qualitativa é entender determinada situação social, fato, papel, grupo ou interação (LOCKE, SPIRDUSO e SILVERMAN, 1987). Dessa forma, a pesquisa qualitativa torna-se quase que como um todo, um processo investigativo onde o pesquisador aos poucos compreende o sentido de um fenômeno social ao identificar, classificar, comparar, relacionar e reproduzir o objeto de estudo.

Em relação aos objetivos, o trabalho se enquadra como sendo uma pesquisa do tipo exploratória. Este tipo de pesquisa visa compreender e conhecer algo que até então não é tão conhecido. Segundo Gil (2002), as pesquisas exploratórias tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente

inacabado. Para o desenvolvimento da pesquisa, é indispensável selecionar o método de pesquisa a utilizar. Os procedimentos adotados para coleta de dados será inicialmente, a pesquisa documental e posteriormente, o estudo de caso. Para Gil (2002), a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Em relação ao estudo de caso, Gil (2002), salienta que o mesmo é um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

3.2 Objeto de estudo

A pesquisa será realizada na região de Alexandre de Gusmão, Zona Rural de Brazlândia/DF. O Núcleo Rural Alexandre de Gusmão é parte do Projeto Integrado de Colonização Agrícola Alexandre Gusmão – PICAG, que é um conjunto de propriedades situadas a leste do Lago Descoberto (RAs Brazlândia e Ceilândia) com usos diversificados como chácaras de lazer, áreas cultivadas (agricultura familiar e hortifrutigranjeiros) e núcleos urbanos isolados. Os entrevistados serão produtores, entidades de apoio e organizações públicas locais relacionadas com o setor de hortifrútiis.

A região destaca-se por ser referência agrícola no Distrito Federal, onde o trabalho agrário é intenso, sendo celeiro de abastecimento do DF e entorno. Apresenta expressiva relevância na produção de hortifrutigranjeiros com 2.638 hectares de produção de hortaliças, 417 hectares de produção de frutas e 14 hectares de produção de grãos (ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA).

3.3 Instrumentos e Procedimentos para Coleta e Análise de Dados

A coleta de dados é a busca por informações para a elucidação do fenômeno ou fato que o pesquisador quer desvendar. Assim, devido à complexidade do fenômeno em questão, vários instrumentos foram utilizados para coleta de dados como a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevista semiestruturada e observação não-participante.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas, tendo com objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta

(FONSECA, 2002, p. 32). Já, a pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc (FONSECA, 2002, p. 32).

Para o estudo do fenômeno propriamente dito, a coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada realizada com produtores, representantes de entidades de ensino (EMATER/DF), de instituições financeiras (Banco de Brasília), de organismos profissionais (Associação Rural e Cultural Alexandre Gusmão - ARCAG) e do poder público.

As entrevistas são centrais para o entendimento e neste trabalho, foi utilizado como instrumento de coleta de dados o roteiro semiestruturado. Sua finalidade foi levantar as informações com o objetivo de compreender as principais funções e atividades desempenhadas por esses atores sociais, além de caracterizar as diferentes formas de interação entre eles. As vantagens da entrevista pessoal são: a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano; a possibilidade de obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social; e obtenção de dados suscetíveis de quantificação e classificação (GIL, 2002).

Na observação não participante o pesquisador permanece alheio à comunidade ou processo ao qual está pesquisando, tendo um papel de espectador do objeto observado (GIL, 2006). Nesse tipo de observação o pesquisador apreende uma situação como ela realmente ocorre. Ressalta-se que antes, durante e após as entrevistas, as pesquisas bibliográficas servirão de suporte para a análise dos dados e resultados do estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na análise e interpretação dos dados, o interesse foi compreender os resultados obtidos por meio dos instrumentos utilizados. A fim de atender aos objetivos propostos pela pesquisa, os dados coletados foram organizados e interpretados. Deste modo, a análise foi dividida em duas etapas: a primeira como sendo a caracterização dos agentes e a segunda, o estudo das relações existentes entre os atores atuantes no processo de desenvolvimento da hortifruticultura em Alexandre de Gusmão/DF.

4.1 Análise e caracterização dos atores

Delgado, Bonnal e Leite (2007), apontam que os atores podem ser identificados quanto à localização das atividades (rural e/ou urbana), ao caráter da propriedade dos ativos e do emprego da mão de obra (setor patronal, agricultura familiar), às áreas de atuação na atividade econômica (agropecuária, indústria, serviços, etc.) e ao processo de organização e representação políticas (sindicatos patronais e de trabalhadores, movimentos sociais, associações empresariais, consumidores, ambientalistas, organizações não governamentais – ONGs, entre outros).

Corroborando com os atores supracitados, Muls (2008) salienta que o desenvolvimento pode ocorrer por relações sociais do tipo aparelho (redes institucionais) e relações sociais do tipo rede (formais e informais). Neste particular, o autor aponta que os atores envolvidos são: Organismos públicos e empreendedores, Bancos e cooperativas de crédito, Centros de treinamento, faculdades e escolas técnicas, Organismos profissionais, Indivíduo empreendedor e Situação coletiva.

Ademais, Buarque (1999), apontando que os atores sociais têm uma responsabilidade fundamental para a promoção do desenvolvimento local, salienta que os agentes organizam-se e manifestam-se por intermédio de entidades, diferenciando-se segundo o corte temático, são eles: corporativos, comunitários e temáticos.

As organizações corporativas constituem-se de organizações que apresentam solidariedade temática e perseguem interesses reivindicativos. Os comunitários

expressam-se em associações comunitárias e tendem a ter uma solidariedade territorial e interesses reivindicativos em torno de infraestrutura social. Por fim, os temáticos representam visões do mundo e propostas acima dos interesses de grupos sociais e territoriais, constituindo-se influenciadores de políticas e iniciativas governamentais nas áreas de interesse específico.

A presença de um ou mais atores sociais fortemente engajados, pré-existentes ou constituídos ao longo do processo, configura-se como uma característica comum. A articulação de atores sociais pressupõe um prazo de maturação e um custo de organização e de institucionalização. Percebe-se que os setores mais organizados e com resultados mais concretos tiveram mais tempo de maturação e de organização.

Assim, por meio dos referidos apontamentos nota-se que a caracterização dos atores (Tabela 1) pode-se dar através da identificação dos atores, ou seja, por aspectos relacionados a emprego dos ativos, atividade econômica, dentre outros. Outras formas de apontar os atores relevantes no processo de desenvolvimento é por meio das redes sociais e das ordens temáticas.

Tabela 1- Caracterização dos atores do desenvolvimento

Identificação dos atores	Atores das redes sociais	Divisão dos atores por ordem temática
Localização	Organismos públicos	Corporativos
Caráter propriedade dos ativos; emprego da mão-de-obra	Bancos e cooperativas	Comunitários
Atuação na atividade econômica	Centros de treinamentos	Temáticos
Processo de organização e representação política	Organismos profissionais	
	Indivíduo empreendedor	

Fonte: Adaptado de Delgado, Bonnal e Leite (2007); Muls (2008); Buarque (1999).

Assim, a partir da perspectiva de atores apontados na tabela acima e por meio da observação não participante, levantamento bibliográfico e entrevista semiestruturada, foram possíveis identificar os atores sociais do processo de desenvolvimento no Núcleo Rural Alexandre de Gusmão/DF, são eles: Organismos Públicos, Bancos, Centro de treinamentos, Organismos profissionais, Indivíduo empreendedor e situação coletiva.

Os atores foram divididos de acordo com as características encontradas na

região e para a identificação dos entrevistados, denominou-se uma letra. Para Organismos públicos a letra “O”, Instituições financeiras (Bancos) a letra “B”, Centros de treinamentos as letras “CT”, Organismos Profissionais a letra “A” e Indivíduo Empreendedor “IE”. Esse procedimento é necessário a fim de manter em sigilo a identificação dos atores e facilitar o relato de informações.

4.1.1 Organismos Públicos

O poder público contribui significativamente para o desenvolvimento regional, por meio de incentivos à interação e à formação de associações e ainda por meio de investimento em infraestrutura. Na análise que corresponde ao poder público, o governo do Distrito Federal, a Administração Regional de Brazlândia, a Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural (SEAGRI), o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) e EMATER/DF, apresentam um papel relevante no processo de fomentação do desenvolvimento da área rural de Brazlândia/DF.

Tais entidades contribuem com várias ações, dentre estas podem ser destacados os incentivos, os investimentos, a prática de cursos, promoção de eventos, consultorias e apoio. Contudo, com exceção da EMATER/DF, observa-se que apesar de promover ações relevantes, as mesmas não se dão de forma contínua, o que os caracteriza como atores relevantes mas não de atuação contínua.

A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (EMATER/DF) tem por objetivo promover o desenvolvimento rural e sustentável e a segurança alimentar, por meio da assistência técnica e extensão rural. A entidade foi citada pelos entrevistados da pesquisa, a qual destacaram sua influência e contribuição para o setor de hortifrútis e para o desenvolvimento da região de Alexandre de Gusmão.

Nota-se que a instituição é considerada pelos extensionistas rurais como um importante interlocutor no processo de desenvolvimento da mesma. Contudo, além de desenvolver as atividades descritas acima e que são de sua competência para o fomento do desenvolvimento, a EMATER/DF promove ainda cursos, palestras, eventos, consultorias, projetos e outros, como relatado pelo entrevistado:

(...) a Emater/DF tem uma estrutura boa de técnicos, tem as atividades anuais como a festa do morango e a exposição agrícola, sempre está buscando novidades na área tecnológica. O 01.

Entre as festas realizadas por iniciativa dos produtores e da Emater/DF, a Festa do Morango destaca-se por ser um dos maiores eventos de agronegócio da região, tendo por objetivo promover e incentivar o cultivo, a produção e a comercialização da fruta. Em 2015, a festa aconteceu entre o fim do mês de agosto e início do mês de setembro na sede da Associação Rural e Cultural Alexandre de Gusmão (ARCAG).

Em março do presente ano, a sede da ARCAG foi palco da 1ª Festa da Goiaba, festa essa que teve por objetivo divulgar a cultura da goiaba, estimular a economia local gerada com o cultivo da fruta além de promover a integração entre os produtores. A partir da observação não participante pode-se notar a efetiva participação da EMATER/DF, pois dos agentes citados, foi esse conjuntamente com a Associação, os que se sobressaíram.

Assim, por meio dos aspectos apontados, pode-se considerar a EMATER/DF um agente significativo para o processo de desenvolvimento do Núcleo Rural de Alexandre Gusmão. Os relatos abaixo demonstram esta realidade:

(...) não só na agricultura né, mas várias questões sociais, aposentadorias, essas questões é a gente que faz esse meio de campo com eles, em termos de governo, agente é o que está mais próximo da realidade dos produtores, a realidade mais focada. O 02.

Na análise dos relatos que correspondem aos organismos públicos, observa-se que as entidades citadas apresentam ações significativas e que estas estão focadas em promover ações que auxiliem no desenvolvimento da região de Alexandre de Gusmão/DF. Existem vários outros órgãos presentes na região, no entanto estes órgãos tem participação, mas não tão efetivos quanto aos que aqui foram citados.

4.1.2 Instituições Financeiras

A partir dos relatos dos entrevistados, percebem-se instituições financeiras que auxiliam o setor de hortifrútis. De acordo com eles, o Banco de Brasília – BRB e o Banco do Brasil – BB, aparecem como as principais instituições financeiras no processo de desenvolvimento de Alexandre de Gusmão. Em se tratando de crédito

para o produtor, a nível nacional, o Banco do Brasil é o banco que mais opera com o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Este programa é voltado para a agricultura familiar, sendo de grande procura pelos pequenos produtores por apresentar as menores taxas de juros de crédito disponíveis no mercado.

O BRB tem como missão “atuar como banco público voltado ao crescimento econômico e ao desenvolvimento sustentável do Distrito Federal e regiões de influência, com soluções inovadoras e atendimento com excelência” (BRB). A nível regional, o BRB se destaca com o PRONAF, principalmente porque a agência de Brazlândia possui uma gerência específica, somente para analisar os projetos voltados a essa linha de crédito.

(...) o BRB começou a cooperar com o Pronaf em 2011 e de lá para cá esse programa foi muito bem visto pelos diretores do banco e pelo presidente, então hoje um dos focos do BRB é a agricultura familiar e o agronegócio. É uma visão diferenciada para o pequeno e o grande produtor. B 01.

A grande diferença entre o BB e o BRB, é que o BRB tem um tratamento diferenciado, um lado mais humano, tem-se todo um acompanhamento do processo que vai desde a abertura do programa até a melhor forma de utilização do crédito disponível. Como citado pelos entrevistados:

(...) o BRB em si não visa o lucro porque o Pronaf não é para dar lucro, ele é voltado para o lado social. O que se notou ao longo do tempo é que antigamente o pequeno produtor tinha medo de chegar ao banco e conversar, o pessoal do banco não entendia a linguagem do produtor. Nas agências do BRB que operam mais com o Pronaf como Brazlândia, Planaltina e Luziânia/GO, tem pessoas exclusivas para atender o pequeno produtor na agricultura familiar, para tentar estreitar laços e facilitar a comunicação. B 02.

Antigamente o produtor pegava todo o lucro e guardava embaixo do colchão. No banco BRB não é só liberado o dinheiro, procura-se orientar o produtor, a bancarizar, fazer o dinheiro render, o produtor é orientado a abrir uma poupança e também saber o que acontece com seus investimentos. B 01.

Além disso, o BRB desenvolve e promove uma parceria mais coesa com os outros atores, visto que o mesmo é tido como um grande incentivador e promovedor de grande parte dos projetos de custeios e investimentos dos produtores de Alexandre Gusmão. Exemplo disso é a presença desta instituição em festas promovidas pela ARCAG, como a Festa do Morango e a Festa da Goiaba, já citadas anteriormente.

Outro ponto observado, é que o BRB dispõe de um terminal de autoatendimento na Sede da ARCAG. O terminal proporciona aos produtores maior acessibilidade de acesso a diversos serviços bancários. Sobre a análise de dados desta categoria, percebe-se que as ações desempenhadas pelos atores das instituições financeiras, buscam auxiliar o setor de hortifrútis de Alexandre de Gusmão/DF. Assim, como evidenciado pelos relatos dos entrevistados, o Banco tem oferecido total atenção aos produtores rurais, com vistas a promover o desenvolvimento da região.

4.1.3 Centros de Treinamentos

Os Centros de Treinamentos, que incorporam as universidades, escolas técnicas e institutos de pesquisa, geralmente são associados ao desenvolvimento regional. A educação é um fator chave no processo de desenvolvimento e de transformação social, deste modo, nota-se que algumas instituições como o SENAR/DF, o SEBRAE e a EMATER/DF estão presentes no núcleo rural Alexandre de Gusmão. Os entrevistados frisaram sobre a importância dessas instituições para o desenvolvimento local, porém deram maior destaque a EMATER/DF.

As instituições de ensino influenciam oferecendo cursos de qualidade, oferecendo mão de obra mais qualificada para o mercado. ER 01

O SENAR/DF promove cursos voltados para a profissionalização do produtor, visando à educação profissional e a promoção social das pessoas no meio rural. Contudo, observa-se que esses cursos, no geral, não estão voltados ou beneficiam a região de Alexandre de Gusmão/DF. Foi observado que a ação do SEBRAE é mais forte em outros núcleos rurais como o Núcleo Rural Currálinho, Núcleo Rural Morada dos Pássaros, Núcleo Rural Vendinha, entre outros.

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) por sua vez, oferece cursos, palestras e encontros, com o objetivo de promover a competitividade e o desenvolvimento sustentável das micro e pequenas empresas. Porém, sobre o SEBRAE, verificou-se que este não tem tanta participação efetiva na região de Alexandre Gusmão, visto que a maioria dos cursos desta instituição são voltados para o empreendedorismo e ofertados na zona urbana de Brazlândia. Portanto, não atendem ou satisfazem as necessidades educativas dos produtores

rurais de Alexandre Gusmão.

Atuando diretamente na área de Alexandre de Gusmão, a EMATER/DF se destaca e é caracterizada por assumir uma duplicidade de papéis, pois além de prestar consultorias e atendimento aos produtores da região, ela também assume o papel de Centro de Treinamento. A EMATER/DF realiza ações e projetos que envolvem a capacitação dos produtores com a oferta de cursos e palestras, viabiliza o acesso ao crédito, ajuda na comercialização dos produtos no mercado, além também do apoio em eventos como a festa do morango e a festa da goiaba, já citados anteriormente. Observou-se que todos os meses, ao menos um curso é realizado em Alexandre de Gusmão pela EMATER/DF, (ver apêndice).

(...) a EMATER/DF promove encontros com os produtores, é um relacionamento muito próximo com orientação e que resulta nos 70% do sucesso da produção da região. ER 02.

(...) a EMATER/DF é que mais atende a gente aqui, ela tem serviço de consultoria e é nossa parceira aqui e é muito forte, sabe dos problemas da gente, então ela tem sim papel fundamental. P 01

A presença dos extensionistas rurais em Alexandre de Gusmão é um fator muito interessante. Isso porque esse fato não acontece em outros núcleos rurais de Brazlândia. Só nessa região, a EMATER/DF dispõe de dois escritórios, sendo um na cidade de Brazlândia que abrange, além da região de Alexandre de Gusmão, todos os outros núcleos rurais que estão a sua volta, e a menos de 10 km conta com outro escritório localizado dentro de Alexandre de Gusmão, voltado especificamente para o atendimento dos produtores dessa região.

A EMATER/DF tem essa preocupação de procurar melhorar a produção e de contribuir com a qualidade de vida do produtor. Além de manterem contato por diversos meios de comunicação, frequentemente os extensionistas são vistos conversando com os produtores, ou seja, a relação mantida entre eles é quase que familiar. Portanto, é notória a preocupação e empenho desta instituição em atender a comunidade de Alexandre Gusmão. O relato abaixo retrata essa ação:

(...) a gente percebe que eles têm essa preocupação de oferecer treinamentos, educação, assistência técnica até mesmo de auxiliar nas questões sociais dos produtores daqui. P 02

Partindo da ideia de agente transformador, denota-se a partir daí um fator muito importante e que não acontece em outras regiões do DF ou mesmo em outros

núcleos rurais de Brazlândia. São as particularidades que envolvem essa região como a presença forte dos extensionistas, os escritórios da EMATER/DF, o convívio entre os produtores, são esses fatores que revelam o potencial da região.

No que tange a análise dos dados relativos aos Centros de Treinamentos, pode-se concluir que dentre as entidades citadas, a EMATER/DF destaca-se por dispor de grande representatividade na região, isso pode ser observado nas entrevistas, onde todos relatam de alguma forma, a influência desta para o desenvolvimento do Núcleo Rural Alexandre Gusmão.

4.1.4 Organismos Profissionais

As associações são importantes para o ambiente em que estão inseridas por ser um ponto de apoio e de encontro de produtores, para troca de informações e pelo papel que exercem sobre a coletividade. O Núcleo Rural de Alexandre Gusmão concentra duas associações que são a Associação dos Produtores Rurais de Alexandre de Gusmão (ASPAG) e a Associação Rural Cultural Alexandre de Gusmão (ARCAG).

(...) a gente sabe que o produtor associado tem melhores condições para escoar o seu produto, a quantidade maior é melhor pra ser comercializada. A 01

A ASPAG, associação dos produtores, destaca-se como uma instituição que visa favorecer e facilitar a vida dos produtores, com o propósito de fortalecer o segmento agrícola da região. Essa associação possui papel fundamental, pois objetiva atender aos produtores, auxiliando-os em termos de representação, cooperação e coordenação.

A ASPAG atua como um importante interlocutor entre o produtor e o acesso destes produtores aos locais de comercialização de seus produtos. Alguns associados possuem um contrato com o governo de Brasília, com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), onde parte da produção é adquirida pelo governo e distribuída nas escolas próximas à região de Alexandre de Gusmão. Além disso, os entrevistados destacam a representatividade que passaram a ter com a associação, pois relatam que trabalhando sozinhos não conseguiriam obter os benefícios que alcançam através da associação, como mostram os relatos abaixo:

(...) a associação é importante porque ela facilita que os produtores comercializem e levem seu produto, porque os agricultores têm condições de plantar, mas não tem condição de levar pra vender, tem suas vantagens... P 01

A ARCAG como diz o nome, é uma associação recreativa e cultural que visa fomentar o desenvolvimento de Alexandre de Gusmão, porém com foco na parte recreativa dos produtores. É ela quem promove a festa do morango e a festa da goiaba, já citadas anteriormente.

Como a comunidade de Alexandre de Gusmão é composta basicamente por japoneses, vários eventos ligados a essa temática acontecem ao menos uma vez por mês na Sede da ARCAG. A ARCAG promove eventos que são considerados importantes como o yakissoba beneficente, os jogos de futebol, reuniões entre produtores, festas culturais onde os próprios associados são os responsáveis por toda a alimentação da festa, desde a aquisição do produto até o seu preparo e comercialização.

A gente vê uma atuação deles. Quando a gente tem eventos, apresentações são eles que sempre estão na frente... P 02

Quanto à análise dos dados relativos às associações de Alexandre de Gusmão, observa-se que essas associações apresentam ações significativas ao demonstrar sua capacidade de influenciar e de oportunizar negócios. E isso se explica pelo fato de que essas instituições possuem o foco voltado para favorecimento do produtor e da região.

Ao mesmo tempo em que se tem uma associação em que se está mais ligada aos fatores de comercialização, que é o de levar o produto agrícola até o consumidor final, também se têm uma associação em que o foco está na diversão do produtor, em promover eventos culturais e recreativos a comunidade. Percebe-se que ambas estão focadas em favorecer o produtor e em promover ações que auxiliem no desenvolvimento do setor. São vistas, portanto, como atores importantes dentro do processo de desenvolvimento de Alexandre de Gusmão.

4.1.5 Indivíduo Empreendedor

Quanto ao Indivíduo Empreendedor, caracterizado neste trabalho como produtores rurais, estes possuem papel de fundamental importância para a região

onde estão inseridos. Segundo Kamp e Schuthof (1991), é necessário entender que os agricultores fazem parte de uma rede social, onde as informações são trocadas e as estratégias são discutidas. São as relações dos produtores que contribuem e intensificam o processo de desenvolvimento de Alexandre de Gusmão.

O produtor de Alexandre de Gusmão valoriza aspectos que vão muito além daqueles meramente econômicos. É notório o empenho do produtor nos processos produtivos, eles são diferenciados.

O produtor aqui é diferente, eles vão atrás, tem força de vontade, eles vão atrás do que precisa, porque eu acho que se não tivesse o produtor não teria essa região. P02

Observou-se que esses produtores são indivíduos que abdicam de uma profissão mais vantajosa e de carteira assinada, para estarem a frente de seus negócios. Muitos deles possuem nível superior de ensino, mas não se importam em ter que acordar cedo ou não terem vida social, um exemplo disso foi observado em uma das festas, onde um importante produtor e diretor da festa da goiaba estava “a disposição de todos”, preocupando-se e buscando o que fosse preciso e necessário para que tudo acontecesse conforme o programado.

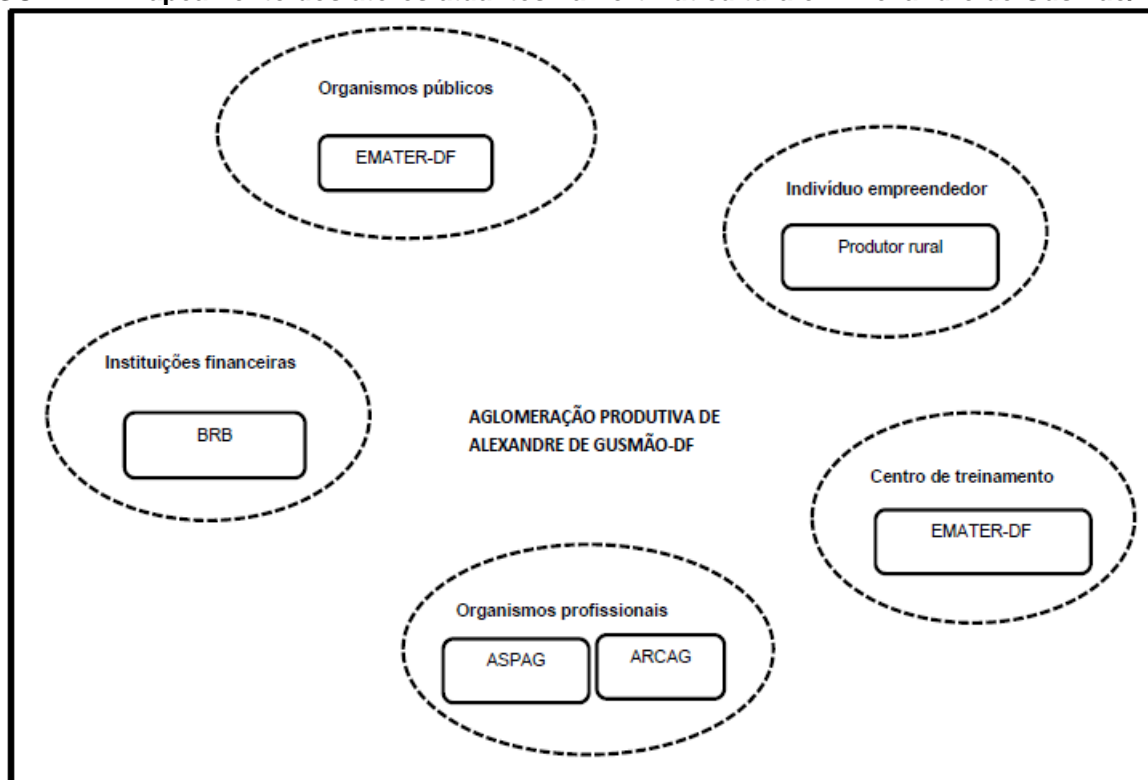
Outra característica percebida na fala dos entrevistados é em relação à cultura japonesa que é predominante na região. Foi possível compreender que na aglomeração em questão, os aspectos culturais é que de fato dão corpo as ações dos indivíduos, ou seja, são eles que dão efetividade às atividades e as ações da presente região. Desde o início da formação de Alexandre de Gusmão, a presença dos japoneses foi o que de fato contribuiu para a região se tornar o que é hoje, como relatado pelo entrevistado:

(...) naquela época praticamente não existia adubo químico, não existia calcário e a terra era muito ácida, e aí tem uma passagem que diz que os japoneses falaram assim: “mas essa terra é muito ruim, isso aqui não dá nada”, aí o Bernardo Sayão falou assim: “se fosse o contrário nós não teríamos chamados os japoneses pra tomar conta”. ER 01

Observou-se que os produtores são agentes importantes para o desenvolvimento. Dentre as contribuições que estes podem gerar para o setor, nota-se que os entrevistados apresentam um elevado grau de empenho e de representatividade, o que fortalece o setor e influencia na oferta de emprego e na infraestrutura local.

Sobre a análise de dados desta categoria, percebe-se que as ações desempenhadas por esses atores são presentes e ativas. A região é contemplada por agentes que não atuam como meros produtores rurais, mas atuam como empreendedores, bem como contribuem ativamente no processo de fortalecimento e desenvolvimento do Núcleo Rural Alexandre de Gusmão.

FIGURA 1 – Mapeamento dos atores atuantes na hortifruticultura em Alexandre de Gusmão/DF.



Fonte: elaborado pela autora

Por conseguinte, a partir da referida análise e do mapeamento do contexto de desenvolvimento regional de Alexandre de Gusmão/DF, identificou-se como atores relevantes os seguintes: EMATER/DF, BRB, produtor rural, ASPAG e ARCAG (FIGURA1). Sendo a EMATER/DF o agente atuante dos organismos públicos e dos Centros de treinamento. Como representante ativo das instituições financeiras e do indivíduo empreendedor têm-se o Banco Regional de Brasília e o produtor rural, respectivamente. Já em relação aos organismos profissionais, são atores atuantes a Associação Rural e Cultural de Alexandre de Gusmão e a Associação de produtores de Alexandre de Gusmão.

4. 2 Análise das relações entre os atores do desenvolvimento

A região de Alexandre de Gusmão caracteriza-se pela presença de diversos atores como o poder público, as instituições financeiras, os centros de treinamento, os organismos profissionais e o indivíduo empreendedor. Destacam-se as relações entre essas entidades em prol do desenvolvimento do setor de hortifrúti de Alexandre de Gusmão. O propósito é que essas relações alcancem de forma eficiente os objetivos comuns. A partir da pesquisa de campo, analisaram-se as relações entre os agentes que serão descritas a seguir e resumidas no Quadro 4.

Na análise dos dados correspondentes aos organismos públicos, percebe-se que a relação entre a governadoria, administração pública e o Banco, é uma relação incipiente, pelo fato de que o contato entre esses agentes é inconstante, observado somente em festas e eventos tendo como principal intuito o patrocínio. Ou seja, a natureza desta interação é corporativa, pois tem como objetivo atender as demandas pontuais e a construção de interesse no curto prazo.

Já entre EMATER/DF e Banco observa-se uma estreita relação de confiança, uma vez que essas entidades trabalham de forma articulada no desenvolvimento de projetos que atendem aos produtores e que conseqüentemente contribuem para o desenvolvimento da região. Ressalta-se que este liame tem por natureza a coordenação e a parceria, visto que as alianças e os interesses se dão de forma complementar e no longo prazo. Assim, é possível observar aspectos que apontam para uma relação dinâmica e cooperativa.

Em relação aos organismos públicos e os centros de treinamentos nota-se uma interação que favorece a obtenção e a difusão de novos conhecimentos e tecnologias. Constatou-se que o governo oferece suporte e apoio às instituições de ensino como infraestrutura para realização de cursos. Quanto à análise dos dados relativos ao SENAR/DF e SEBRAE, observa-se que as entidades são tidas como existentes na região, mas não apresentam ações significativas pelo fato de que estas entidades desenvolvem projetos voltados para outros núcleos rurais e sua atuação em Alexandre de Gusmão é pouca ou inexistente. Salienta-se que os vínculos criados com esses dois agentes baseiam-se em interesses casuístas ou temporários.

Sobre a EMATER/DF, verifica-se que a entidade corrobora com o aprimoramento produtivo e social da presente região. A relação entre essas

entidades pode ser considerada densa, pois além de atuar como uma empresa de extensão rural é também um centro de treinamento. Deste modo, observa-se que ator ao assumir dois papéis diferenciados desmitifica o papel do agente público, possibilitando uma maior mobilização e articulação entre os atores.

A respeito das relações entre os organismos públicos e os organismos profissionais, conclui-se que são relações densas tendo em vista que o governo atua não somente na formulação de políticas para o desenvolvimento do setor como também no apoio a infraestrutura do local, apoio nas festas e eventos que acontecem na sede da ARCAG, em aspectos ligados a produção do setor de hortifrúteis como, por exemplo, na comercialização dos produtos. Esta ponte pode ser fortalecida pela iniciativa governamental que, com base na lei regente, possibilitou aos produtores associados da ASPAG adquirir caminhão para transporte da produção.

A aquisição deste caminhão deu-se por meio da Lei Nº 5.024, de 25 de fevereiro de 2013, que estabeleceu o Fundo de Desenvolvimento Rural Social (FDR Social), este Fundo permite o financiamento de estudos, elaboração de projetos, aquisição de máquinas, equipamentos agrícolas e veículos utilitários. Portanto, auferiu-se que a correlação entre estes dois agentes, mais especificamente entre os atores supracitados apresenta grande representatividade, pois os mesmos em um processo de interação e, respeitando as hierarquias, buscam auferir vantagens tanto ao setor público quanto ao privado.

Em se tratando das relações entre o poder público e o indivíduo empreendedor, nota-se que não existe uma relação direta entre governadoria e administração pública diretamente com o produtor, visto que é atribuição de outros órgãos públicos realizarem a ponte entre os aspectos individuais e os designios públicos. Por outro lado, as relações entre indivíduo e EMATER/DF são de natureza colaborativa tendo em vista que a representatividade desta entidade é determinante para o desenvolvimento do setor em que os produtores estão inseridos. A atuação da EMATER/DF vai além do contexto econômico, ela desenvolve laços sociais, promove a cultura, busca a inovação e a competitividade da região.

Sobre as instituições financeiras e os centros de treinamentos, observa-se que existem relações entre eles, no entanto, não foram identificadas neste estudo, ações por parte do SENAR/DF e do SEBRAE que contribuam significativamente para o desenvolvimento do setor hortifrutícola de Alexandre de Gusmão. Quanto à

análise dos dados correspondentes à EMATER/DF, foi verificado que os relatos dos entrevistados se apresentam de maneira convergente, tendo em vista que é a EMATER/DF quem elabora os projetos técnicos que viabilizam o crédito junto ao Banco para custeio ou investimentos em insumos ou máquinas.

Analisando os relatos, percebe-se que as instituições financeiras e os organismos profissionais do setor cooperam entre si em favor do desenvolvimento da região. Tanto o Banco quanto as Associações visam a construção de objetivos coletivos, dessa forma aproveitam os eventos, cursos, palestras e outros, para promoverem ações de negócios entre os associados e o público, com o intuito de atrair investimentos para o setor de hortifrúteis e divulgar a importância da região.

Sobre a relação entre o Banco e o Indivíduo empreendedor, conclui-se que existe coesão nas relações entre estes dois agentes. O BRB, que foi a instituição financeira mais citada nas entrevistas, estreitou laços com o produtor ao implantar uma gerência especializada e totalmente voltada para o produtor. Essas relações geram aumentos na produção e trazem benefícios que refletem em todo o setor hortifrutícola. Neste sentido, observa-se uma mobilização de recursos do BRB, visando apoiar o pequeno produtor. Conjuntamente a isto, têm-se ações pontuais que tem por objetivo o aumento do atendimento e fortalecimento do segmento da produção de hortifrúteis.

O BRB apresenta um diferencial no atendimento dos produtores, pois os profissionais que tratam de projetos rurais são pessoas com conhecimento do setor rural, o que permite o entendimento das necessidades do produtor e identificação de projetos que podem ser apoiados com o crédito. Na condução das operações rurais, o BRB conta com dez agências operadoras do crédito rural, porém uma das agências que mais operam este tipo de crédito é a agência de Brazlândia. Ademais, com vista a fortalecer a relação com os produtores rurais o BRB realiza seminários na presente região para divulgar condições de financiamento e os benefícios para o setor rural, principalmente os micro, mini e de pequeno porte.

Quadro 4- Caracterização das relações entre os agentes atuantes

	Organismos públicos	Instituições financeiras	Centros de treinamentos	Organismos profissionais	Indivíduo Empreendedor
Organismos públicos	X				
Instituições financeiras	Relação estreita entre o BRB e a EMATER/DF, visto que a mesma é quem desenvolve projetos para os produtores. Contudo, a relação entre o BRB e os outros organismos públicos é incipiente.	X			
Centros de treinamentos	O governo oferece suporte e apoio para realização de cursos. A EMATER/DF se destaca, além de ser órgão público, desenvolve o serviço de capacitação.	Interação cooperativa entre o Banco e a EMATER/DF, visto que a mesma é quem desenvolve projetos para os produtores.	X		
Organismos profissionais	Relação de apoio baseada no acesso das políticas públicas. A EMATER/DF favorecer o aprimoramento das atividades da ARCAG e ASPAG	Ambos os agentes visam a construção de objetivos coletivos, promovem ações de negócios entre os associados e o público.	Interação que favorece a obtenção e a difusão de novos conhecimentos e tecnologias	X	
Indivíduo empreendedor	Observa-se que a interação entre o produtor e a EMATER/DF é dinâmica, visto que a mesma também desenvolve serviços do tipo social.	A EMATER/DF possui uma postura educativa com vistas a contribuir com a qualidade de vida do produtor.	Relação com a EMATER/DF visa a postura educativa. O SENAR/DF e SEBRAE apresentaram poucas ações significativas	A participação dos produtores nas associações permite maior visibilidade dos produtos, atrai incentivos, promove o bem-estar.	X

Fonte: Elaborado pela autora

Analisando os centros de treinamentos e os organismos profissionais, pode-se concluir que as relações entre eles contribuem com a mão de obra qualificada e favorecem os vínculos com os demais agentes do setor, desta forma beneficiando o desenvolvimento da região. Em Alexandre de Gusmão, essas entidades são de grande representatividade, isso foi destacado nos relatos onde os entrevistados ressaltam a influência, principalmente da EMATER/DF, nos eventos e nos cursos ofertados aos produtores, realizados na sede da ARCAG. Assim, a EMATER/DF tem como intuito o fomento da educação aos agricultores, considerando a bagagem de conhecimentos que os mesmos já possuem.

Sobre os centros de treinamentos e o indivíduo empreendedor, destaca-se que as interações entre a EMATER/DF e o produtor são relações estreitas. A EMATER/DF possui uma postura educativa que visa justamente proporcionar aos indivíduos empreendedores e suas famílias um melhor grau de instrução e conhecimento, de forma a contribuir para melhoria da qualidade de vida dos produtores de Alexandre de Gusmão.

Em relação às interações entre os organismos profissionais e o indivíduo empreendedor, observa-se que as associações presentes são importantes para o desenvolvimento da região e que ambas contribuem para o favorecimento do produtor. A participação dos produtores nas associações de Alexandre de Gusmão, tanto a ASPAG quanto a ARCAG é considerada elevada, perante os resultados apresentados na pesquisa de campo.

É por meio delas que os produtores ganham maior visibilidade dos seus produtos, buscam incentivos, realizam eventos, promovem cursos e serviços com o objetivo de contribuir para a melhoria e desenvolvimento do setor de hortifrúti de Alexandre de Gusmão. A participação nas associações para os produtores é primordial para o conhecimento dos rumos em que a atividade segue e também para a disseminação de inovações que venham trazer benefícios para a atividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações existentes entre organizações e indivíduo é um fator crucial para o desenvolvimento, principalmente pelos atores presentes e pela capacidade de influência destes no contexto regional. Neste sentido, a abordagem da perspectiva de atores permitiu verificar a participação dos agentes no processo de desenvolvimento e analisar as relações estabelecidas entre os agentes públicos e privados na aglomeração produtiva de Alexandre de Gusmão/DF.

Com a realização deste trabalho pode-se de fato compreender e identificar os atores sociais estratégicos que compõem o setor de hortifrúti do Núcleo Rural Alexandre de Gusmão-DF, reconhecendo que esses agentes contribuem de forma singular para o desenvolvimento e aprimoramento da região de estudo. Identificaram-se atores que representam o setor e apoiam a região, destacando suas contribuições e benefícios para o desenvolvimento do setor.

A análise do caso proporcionou identificar os atores que são relevantes no processo de desenvolvimento da hortifruticultura, são eles: Organismos públicos, Instituições financeiras, Centros de treinamento, Organismos profissionais e Indivíduo empreendedor, sendo os atores destaque deste processo EMATER/DF, BRB, Produtor Rural, ASPAG e ARCAG. De maneira geral, a EMATER/DF se destaca como agente dos Organismos públicos e Centros de treinamentos. Dentre suas vantagens, ressalta-se sua capacidade de influência entre os atores da região e vale frisar ainda que sua importância foi citada entre todos os entrevistados.

Sobre a atuação das instituições financeiras, nota-se que o BRB é representante dos bancos e do crédito rural. Destaca-se a atuação da ARCAG e da ASPAG como os atores mais significantes dos organismos profissionais. As associações auxiliam os produtores na comercialização dos produtos e por meio de eventos, favorecem o fortalecimento da cultura da região. Por fim, destaca-se a atuação do produtor rural que por sua vez, é agente do indivíduo empreendedor.

Em relação à participação dos agentes públicos, notou-se que os órgãos como governadoria, Administração regional e Secretaria da Agricultura, participam do processo de desenvolvimento de forma efetiva, mas não tão regular, enquanto que a EMATER/DF é de fato o organismo público com a maior efetividade nas ações e atividades, atuando de forma dinâmica, coordenativa e colaborativa.

Deste modo, baseando-se nos apontamentos feitos, observou-se que as

interações entre os agentes são relevantes para o processo de desenvolvimento em Alexandre de Gusmão/DF. Constataram-se assim como as relações mais estreitas as que ocorrem entre EMATER/DF e o BRB, EMATER/DF e organismos profissionais, EMATER/DF e Indivíduo empreendedor. Verifica-se, por fim, o cumprimento do objetivo proposto, no entanto a literatura sobre este tema é ampla e constantemente recebe incrementos.

Este estudo teve como intuito favorecer a literatura acerca da perspectiva de atores, contribuindo e incentivando futuras pesquisas a respeito do tema. Em termos empíricos, seria recomendado analisar outras regiões do DF, produtoras de hortifrútiis e compará-las com a de Alexandre de Gusmão, considerado um modelo de processo de desenvolvimento bem sucedido, isto enriqueceria o trabalho, pois seria possível analisar outras soluções e dificuldades encontradas no processo.

Complementando, sugere-se ainda, a realização de estudos que analisem as estruturas de comercialização e como os atores sociais atuam nesse processo. Outra possibilidade de estudo seria a influência dos aspectos culturais, na efetividade das ações das entidades dos organismos profissionais, com vistas a fomentar o desenvolvimento regional.

REFERÊNCIAS

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRAZLÂNDIA – IV. Disponível em: <<http://www.brazlandia.df.gov.br/>>. Acesso em: 25 set. 2015.

AZAIS, C.; CORSANI, A.; NICOLAS, P. Indústria e território: o que a economia industrial e a economia espacial têm a nos oferecer? **Revista ANPEC**, Brasília, DF, n. 2, 1997, p. 91-113.

BANDEIRA, P. Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional. Brasília. IPEA. 1999.

BECATTINI, G. O.; Distrito Marshalliano: uma noção socioeconômica. **BENKO, GE & LIPIETZ, A (organizadores). As Regiões Ganhadoras. Distritos e Redes: Os novos paradigmas da Geografia Econômica. Oeiras: Celta Editora**, p. 45-58, 1994.

BOISIER, S. Sociedad y territorio. Lima: Ecie, 1993.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Notícias. Economia. 2014. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2014/12/produto-interno-bruto-da-agropecuaria-deve-ser-de-rs-1-trilhao>>. Acesso em: 02 set. 2015.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). Plano de Manejo. APA Bacia do Descoberto. ICMBio. Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/apa_bacia_do_rio_descoberto_pm_encartes_12_e_3.pdf>. Acesso em: 13 out. 2015.

BRITTO, J. Cooperação interindustrial e redes de empresas. **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticos no Brasil. Rio de Janeiro: Campus**, p. 345-388, 2002.

BRUSCO, S. The idea of the industrial district: its genesis. **Industrial districts and inter-firm co-operation in Italy**, p. 10-19, 1990.

BUARQUE, S. C. Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável. **Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal. Brasília, DF: IICA**, 1999.

CASAROTTO FILHO, N.; PIRES, L. H. Redes de Pequenas e Médias empresas e desenvolvimento local: estratégias para a competitividade global com base na experiência italiana. São Paulo: Atlas, 2001.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. **O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas**. Rio de Janeiro: Relume

Dumará, 2003.

CASSIOLATO, J. E.; SZAPIRO, M. Arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais no Brasil. **Notas técnicas da fase II do Projeto “Proposição de políticas para a promoção de sistemas produtivos e inovativos locais de micro, pequenas e médias empresas brasileiras**, 2002.

CODEPLAN. **Agricultura Familiar no Distrito Federal – Dimensões e desafios**. Companhia de Planejamento do Distrito Federal, Brasília, 2015

CODEPLAN. **Produto Interno Bruto – PIB. Contas Regionais do Distrito Federal – 2012**. Companhia de Planejamento do Distrito Federal, Brasília, 2012.

COUTINHO, L. G. A terceira revolução industrial e tecnológica. Economia e Sociedade. Campinas: Instituto de Economia Unicamp, n. 1, 1992.

DELGADO, N. G.; Bonnal, P.; LEITE, S. P. Desenvolvimento territorial: articulação de políticas públicas e atores sociais. 2007.

EM SISTEMAS, REDESIST-Rede de Pesquisa. Produtivos e Inovativos Locais. **Análise do mapeamento e das políticas para arranjos produtivos no Estado do Rio de Janeiro**, 2003.

FALCOMER, J. *Dissertação de Mestrado*, Universidade de Brasília, Brasil, 1994.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **OECD-FAO Agricultural Outlook 2010-2019. 2010**. Disponível em:
< https://www.fao.org.br/download/OECDFAO_AgriculturalOutlook20102019.pdf>. Acesso em: 01 set. 2015.

FURTADO, C. Dialética do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964, 181 p.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Organizado por Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, A. The constitution of society: an outline of the theory of structuration. UK: Cambridge, Polity Press, 1984.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Ed. Atlas, 2002. p. 17.

HADDAD, P. R. Cluster e desenvolvimento regional no Brasil. Cluster – **Revista Brasileira de Competitividade**, Belo Horizonte, ago./nov. 2001.v.1, n.2.

HADDAD, P. R. **A competitividade do agronegócio e o desenvolvimento regional no Brasil – Estudo de Clusters**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – EMBRAPA, 1999.

KELLER, P. F. **Clusters, distritos industriais e cooperação interfirmas: Uma revisão da literatura**. E & G. Economia e Gestão, 2008. v. 08, p. 30-47.

KRUGMAN, P. R.; DOMINQUEZ, K. M.; ROGOFF, K. It's baaack: Japan's slump and the return of the liquidity trap. **Brookings Papers on Economic Activity**, v. 1998, n. 2, p. 137-205, 1998.

LASTRES, H. et al. Globalização e inovação localizada. **Nota técnica**, v. 1, p. 98, 1999.

LIMA, G. B.; NEVES, M. F.; OLIVEIRA, L. Consórcios de exportação como alternativa às pequenas e médias empresas: um caso na cadeia têxtil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 2002, Passo Fundo. Anais... Brasília: SOBER, 2002.

LOCKE, L. F.; SPIRDUSO, W.W.; SILVERMAN, S. J. **Proposals that work: A guide for planning dissertations and Grant proposals**. Newbury Park, CA: Sage, 1987.

LONG, N. Introdução à Sociologia do Desenvolvimento Rural. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1982, 237p.

LONG, N.; LONG, A. Battlefields of Knowledge: the interlocking of theory and practice in social research and development. Londres: Routledge, 1992, p.306.

LONG, N.; PLOEG, J. D. van der, 1994. «Heterogeneity, actor and structure: towards a reconstitution of the concept of structure». **D. BOOTH, Rethinking Social Development: theory, research and practice**. Longman Scientific & Technical, p. 62-89, 1994. In: _____. **Os atores do desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 21- 48.

LONG, N. Development sociology: actor perspectives. London and New York: Routledge Taylor & Francis Group. 2001. p. 285

LONG, N. Development sociology: actor perspectives. London and New York: Routledge, 2001. 293 p. LONG, N. Sociología del desarrollo: una perspectiva centrada en el actor. México, Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social: El Colegio de San Luis. 2007. 504 p.

LONG, N.; PLOEG, J. P. Heterogeneidade, ator e estrutura: para a reconstituição do conceito de estrutura. In: _____SCHNEIDER; S.; GAZOLLA, M. (Orgs.). **Os atores do Desenvolvimento Rural: perspectivas teóricas e práticas sociais**. Trad. Daniela Garcez, Leandro Krug Wives e Rita Pereira. Revisão técnica Sérgio Schneider. Porto Alegre, Editora da UFRGS, p. 21- 48, 2011.

MAILLAT, D. Regional Productive Systems and Innovative Millieux. In: _____ **OCDE. Networks of Enterprises and Local Development**. Genebra, 1996. p. 67-80.

MALAFAIA JUNIOR, S. Cartilha Informativa sobre Associativismo. SEBRAE. Brasília, 2006

MARSHALL, A. Princípios de economia: tratado introdutório. Trad. Revista de Rômulo Almeida e Ottolmy Strauch. 2. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

MARTINELLI, D. P.; JOYAL, A. Desenvolv/imento local e o papel da pequenas e médias empresas. São Paulo: Manole, 2004.

MENEZES, M.; MALAGODI, E. Os camponeses como atores sociais: a perspectiva da autonomia e da resistência. In: _____. **Os atores do desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 49-66.

MORAES, J. L. A. O papel dos sistemas e cadeias agroalimentares e agroindustriais na formação das aglomerações produtivas dos territórios rurais. **COLÓQUIO**, v. 10, n. 1, p. 71-97, 2013.

MOREIRA, D. A. Pesquisa em Administração: Origens, usos e variantes do método fenomenológico. *Revista de Administração e Inovação*, v. 1, n. 1, 2004.

MULS, L. M. Desenvolvimento local, espaço e território: o conceito de capital social e a importância da formação de redes entre organismos e instituições locais. **Revista EconomiA, Brasília**, 2008. p. 1-21.

NORONHA, E; TURCHI, L. **Política industrial e ambiente institucional na análise de arranjos produtivos locais**. Brasília: Ipea, 2005.

PLOEG; YE; SCHNEIDER, S. Rural development: Actors and practices. **Research in Rural Sociology and Development**. 2015. v. 22, p. 17 – 30.

PORTER, M. **Competição: estratégias competitivas essenciais**. 1999.

PORTER, M. **Clusters and new economics of competition**. *Harvard Business Review*, v.76, n. 6, 1998, p. 77-90.

PYKE, F; SENGENBERGER, W. **Industrial districts and local economic regeneration**. International Labour Organisation, 1992.

PYKE, F. Distritos Industriais e Recuperação Econômica Local: Questões de Pesquisa e de Política. In: _____ COCO, G. URANI, A. GALVÃO, A. P. (orgs.) **Empresários e Emprego Nos novos Territórios Produtivos: O Caso da Terceira Itália**. RJ: DP&A. 1999. p. 101-146.

RODRIGUES, E. R. Q. Rede de empresas. Brasília : SEBRAE, 2014

RODRÍGUEZ, G. S.; PEREIRA, C. V.; SOLGIO, F. K. A Perspectiva Orientada ao Ator em estudos sobre Desenvolvimento Rural. 2015.

SCHMITT, C. J. Redes, atores e desenvolvimento rural: perspectivas na construção de uma abordagem relacional. **Sociologias**, v. 13, n. 27, 2011.

SCHMITZ, H. Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico. Nota técnica 6. Rio de Janeiro. Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

SCHMITZ, H. Eficiência coletiva: caminho de crescimento para a indústria de pequeno porte. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 164- 200, 1997.

SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (Orgs.). **Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

SCHUMPETER, J. A. Teoria do desenvolvimento econômico. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO A MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Metodologia de desenvolvimento de arranjos produtivos locais**: Projeto Promos - SEBRAE – BID: versão 2.0. 2004.

SILVA, C. C. Governança estrutural e processual em aglomerações produtivas do setor de tecnologia da informação em Minas Gerais. 2014.

SILVEIRA, C. M. Desenvolvimento local: marcos conceituais e históricos. *Rede Dlis* 29. 2005.

SOMEKH, N. A construção social da cidade: desenvolvimento local e projetos urbanos. Políticas para o desenvolvimento local. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo .2008. p. 17- 40.

SUZIGAN, W. Estruturas de governança e cooperação em APLs. BNDES. nov. 2004. Disponível em:
<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/seminario/apl5.pdf. Acesso em: 20 mar 2016.

TOLEDO, E. N. B.; SCHNEIDER, S. O pronaf no Rio Grande do sul dez anos depois: o que dizer. **Encontro de Economia Gaúcha**, v. 4, 2008.

TOMAZZONI, E.L. **Turismo e desenvolvimento regional: dimensões, elementos e indicadores**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

VIEZZER, M. Depende de nós – Atores Sociais que interferem no Ambiente e qualidade de Vida, Escola Parque – Parque Nacional do Iguaçu, IBAMA, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro Entrevista Semiestruturada.

- 1- O que é o Núcleo Rural Alexandre de Gusmão?
- 2- No que se concentra a produção de Alexandre de Gusmão? Quais são as atividades desenvolvidas nessa região?
- 3- Porque a região de Alexandre de Gusmão é considerada como o maior produtor de hortifrútiis do Distrito Federal? O que o torna diferente nesse processo?
- 4- Quem são os personagens centrais no processo de desenvolvimento da região?
- 5- Qual seu papel nesse processo de desenvolvimento da região de Alexandre de Gusmão?
- 6- Na sua visão, qual é o agente/ator mais importante no processo de desenvolvimento do setor de hortifruticultura de Alexandre de Gusmão?
- 7- Qual a importância desses atores para as atividades agrícolas desenvolvidas em Alexandre de Gusmão?
- 8- As estratégias dos atores locais têm sido promovidas, de alguma maneira, por algum órgão ou entidade?
- 9- Como se dá a comercialização dos produtos produzidos em Alexandre de Gusmão?

ANEXOS

ANEXO A - Decreto Nº 51.517, DE 25 DE JUNHO DE 1962

Criação do Núcleo Rural Alexandre de Gusmão

Cria o Núcleo Colonial Alexandre Gusmão, no Distrito Federal, em terras do Instituto Nacional da Imigração e Colonização.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA E O PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS, usando das atribuições que lhes confere o art. 1º, do Ato Adicional à Constituição Federal e, nos termos do parágrafo único do art. 5º, do Decreto-lei nº 6.117, de 16 de dezembro de 1943,

Decretam:

Art. 1º Fica criado o Núcleo Colonial Alexandre de Gusmão, no Distrito Federal, em terras do Instituto Nacional de Imigração e Colonização.

Parágrafo único. A área do Núcleo é constituída de 22.561 hectares de terras que reverteram à União, por intermédio do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, conforme escritura pública de reversão assinada pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital, em 8 de agosto de 1961, no Cartório do 2º Ofício de Brasília inscrita no Registro de Imóveis da mesma cidade, no Livro 3, nº 694, fls. 212, em 2 de outubro do mesmo ano.

Art. 2º Fica criado na Parte Permanente do Quadro do Pessoal do Instituto Nacional de Imigração e Colonização o Cargo em Comissão de Administrador de Núcleo Colonial, padrão 6-C, para atender ao que se dispõe no presente decreto.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.
Brasília, em 25 de junho de 1962; 141º da Independência e 74º da República.

JOÃO GOULART

Tancredo Neves

Alfredo Nasser

Armando Monteiro

Este texto não substitui o original publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 de 02/07/1962

ANEXO B - Festa do morango na sede da ARCAG



ANEXO C - Festa do morango na sede da ARCAD

FESTA DO MORANGO DE BRASÍLIA



BRAZLÂNDIA - DF
FESTA DO MORANGO
www.festadomorangodf.com.br



ARCAG - ASSOCIAÇÃO RURAL E CULTURAL ALEXANDRE DE GUSMÃO

ANEXO D - Festa da goiaba na sede da ARCAG



Associação Rural e Cultural Alexandre Gusmão

CNPJ (MF) 00.492.926/0001.41

CNSS 258.987/77

NÚCLEO RURAL ALEXANDRE GUSMÃO - NÚCLEO 06 - BR-080 - KM 13 ÁREA ESPECIAL - BRAZLÂNDIA - DF
CADA POSTAL 5046 - CEP 72705-970

A ARCAG, promoverá nos dias 11, 12 e 13 de março, a 1ª Festa da Goiaba. Para isso, contamos com a ajuda dos sócios para a montagem do evento, que se dará início 09 de março. Para quem não puder ajudar, pede-se enviar um representante.

Contamos com a colaboração dos produtores, em expor sua produção na 1ª Festa da Goiaba. E para quem tiver interesse em comercializar a fruta no evento, entrar em contato com URGÊNCIA, a EMATER mais próxima.

Desde já, agradecemos o apoio.

Takao Akaoka
Presidente



11 a 13 de Março de 2016 **FESTIVAL DE GASTRONOMIA, DERIVADOS DA FRUTA**

EXPOSIÇÃO DA PRODUÇÃO DE GOIABA



BRAZLÂNDIA - DF

NÃO FIQUE DE FORA DESSA!



REALIZAÇÃO



APOIO



Parceiros:

GOVERNO DE
BRASÍLIA



EMATER-DF

Secretaria de Agricultura,
Abastecimento e
Desenvolvimento Rural



CEASA-DF

ANEXO E - Yakisoba beneficente na sede da ARCAAG

YAKISOBA

Beneficente para a escola japonesa da ARCAAG

焼きそば

Dia: 02/04/2016

A partir das 19:00

Local: Sede da ARCAAG



Antecipe o seu bilhete.

Antecipado: R\$18,00

No dia: R\$20,00

Haverá apresentação musical:

Takahashi Ryoko e

Asaba Yuki



Entrada franca.

Associação Rural e Cultural Alexandre Gusmão



ANEXO F - Planta esquemática das propriedades rurais do Projeto Integrado de Colonização Alexandre Gusmão (PICAG) em Brazlândia (DF).

